



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA
Mestrado Acadêmico

Rafael Moreira Ribeiro

IMPLICAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO DO CAMPUS
UNIVERSITÁRIO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS
ESTUDANTES

Manaus – AM
2018

RAFAEL MOREIRA RIBEIRO

**IMPLICAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO DO CAMPUS
UNIVERSITÁRIO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS
ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/UFAM, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, sob orientação da Profa. Dr^a Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**Manaus – AM
2018**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ribeiro, Rafael Moreira
R484i Implicações do ambiente físico do campus universitário no bem-estar subjetivo dos estudantes / Rafael Moreira Ribeiro. 2018
90 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Bem-estar subjetivo. 2. Espacialidade. 3. Campus universitário. 4. Socialização. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

RAFAEL MOREIRA RIBEIRO

**IMPLICAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO DO CAMPUS
UNIVERSITÁRIO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS
ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Aprovada em 26 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Terezinha De Jesus Pinto Fraxe

Prof. Dr. Marcelo G. Aguilar Calegare
Universidade Federal do Amazonas

Prof.^a Dr.^a Maria Olívia de A. Ribeiro Simão
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que diretamente ou indiretamente contribuíram para a construção de minha trajetória acadêmica e especificamente deste trabalho.

Agradeço a Deus, pela luz e força nos momentos em que estas me faltaram.

Aos meus pais, Décio e Noeme pelas condições, exemplos e sacrifícios ao longo da vida, aos meus irmãos, Neto, Saulo e Tiago pela confiança depositadas neste período.

Agradeço a querida professora Maria Inês Gasparetto Higuchi, pelo apoio, profissionalismo e direção nesta trajetória, especificamente por resgatar este projeto, e o projetista, quando já se considerava o não andamento da pesquisa. Exemplo de profissionalismo e diplomacia que levarei pela vida.

A minha amada Luiza, pelo apoio e cobrança “Já está no INPA?”, sempre foi tranquila e confiante que esta produção se daria da melhor forma possível.

Aos amigos feitos no mestrado, David, Denise, Leonardo, Daniela, Elisa, Andreza, Mônica e Pedro.

As servidoras do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA), Adriana, Jamylle, Solange e Fernanda.

Agradeço aos professores do Programa de ciências do ambiente e sustentabilidade na Amazônia pelos conhecimentos apresentados.

Aos professores que disponibilizaram seu tempo e espaço em classe para a realização desta pesquisa.

Agradeço a professora Ana Cláudia Moxotó, incrível professora de administração, que ao final de minha orientação de monografia afirmou que meu caminho deveria ser a pesquisa, algo que neguei por dois anos até me reencontrar com academia.

Aos alunos que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Por fim, agradeço a Capes e CNPq pela concessão de bolsa.

RESUMO

Num campus universitário estão presentes diversas pressões aos estudantes, tanto na busca por integração em um meio social, quanto para o desenvolvimento acadêmico. O ambiente do campus pode tanto atuar para dirimir estas pressões, de forma a garantir maior bem-estar, quanto agravar as mesmas. Esse estudo se propôs a investigar a influência que o espaço físico do campus universitário exerce sobre o bem-estar subjetivo dos estudantes. A pesquisa descritiva exploratória, de abordagem multimétodos foi desenvolvida a partir de técnicas de observação do Campus Universitário Arthur Virgílio Filho, da UFAM, de forma a evidenciar o uso planejado e real do espaço do Campus, e posteriormente a aplicação de formulários a 402 estudantes de vários cursos acadêmicos, contendo questões sociodemográficas, percepção do espaço físico do campus, e finalmente, escalas sociais relativas ao bem-estar subjetivo e felicidade subjetiva. O estudo mostra que o espaço físico é um aspecto vivo e dinâmico do espaço social. Nesse espaço os estudantes moldam e são moldados pelos elementos da espacialidade. Constatou-se ainda que o espaço físico do Campus AVF – UFAM contribui de forma distinta para o bem-estar subjetivo dos estudantes, sendo mais influentes os elementos arquitetônicos dos prédios do que elementos naturais presentes no Campus.

Palavras-chave: Bem-estar Subjetivo; Campus universitário; Espacialidade.

ABSTRACT

In a university campus, many pressures are present for the students, both in the search for social integration and for academic development. The campus environment can both act to address these pressures, so as to ensure greater well-being and aggravate them. This study aimed to investigate the influence of the physical space of the university campus has on the subjective well-being of students. The descriptive, exploratory, multimethodological research was developed using techniques from the observation of the university campus Arthur Virgílio Filho, UFAM, in order to highlight the planned and real use of campus space, and later the application of forms to 402 students of several academic courses, containing sociodemographic questions, perception of campus physical space, and finally, social scales related to subjective well-being and subjective happiness. The study shows that physical space is as alive and dynamic as social space. The campus congregates elements very similar to the one in force in spaces outside it. In this space students shape and are shaped by the elements of spatiality. It was also verified that the physical space of the campus contributes in a different way to the subjective well-being of the students, being more influential the architectural elements of the buildings than the natural elements present in the campus.

Keywords: Subjective well-being; University campus; Spatiality.

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição dos participantes por faixa etária e gênero.....	32
Tabela 2 – Distribuição dos alunos por área de conhecimento.....	33
Tabela 3 – Média obtida pelos aspectos da espacialização do campus.....	34
Tabela 4 – Estrutura fatorial da escala de espacialidade do campus.....	35
Tabela 5 – Distribuição dos participantes por faixa etária e gênero.....	47
Tabela 6 – Distribuição dos alunos por área de conhecimento.....	48
Tabela 7 – Palavras e frequências obtidas por associação livre.....	49
Tabela 8 – Palavras com valência positiva e frequências obtidas por associação livre.....	50
Tabela 9 – Palavras com valência negativa e frequências obtidas por associação livre.....	51
Tabela 10 – Distribuição dos participantes por faixa etária e gênero.....	51
Tabela 11 – Distribuição dos alunos por área de conhecimento.....	64
Tabela 12 – Média obtida pelos aspectos da espacialização do campus.....	65
Tabela 13 – Estrutura fatorial da escala de espacialidade do campus.....	66
Tabela 14 – Alfa de Cronbach, médias, escores e desvio padrão para escalas de BES.....	67
Tabela 15 – correlações entre variáveis sociodemográficas e escalas de BES e afetos.....	68
Tabela 16 – correlações entre fatores de espacialidade e BES.....	68
Tabela 17 – Correlações entre espacialidade e Bem-estar subjetivo.....	70

Lista de figuras

Figura 1 – Campus da Universidade Federal do Amazonas.....	21
Figura 2 – Acesso ao campus através do modal rodoviário urbano.....	22
Figura 3 – Esquema de ventilação das salas de aula.....	25
Figura 4 – Corredores antigos.....	26
Figura 5 – Corredores novos.....	26
Figura 6 – Espaço de estudo e atendimento na biblioteca central.....	28
Figura 7 – Lixeiras para coleta seletiva.....	29
Figura 8 – Espaços de interação e descanso originais.....	31
Figura 9 – Campus da Universidade Federal do Amazonas.....	45
Figura 10 – Acesso ao campus através do modal rodoviário urbano.....	46
Figura 11 – Campus da Universidade Federal do Amazonas.....	62
Figura 12 – Acesso ao campus através do modal rodoviário urbano.....	63

APRESENTAÇÃO	11
SOBRE O ESTUDO	14
CAMPUS UNIVERSITÁRIO: ESPAÇO FÍSICO E SOCIALIDADE DOS ESTUDANTES.....	17
INTRODUÇÃO	17
A UNIVERSIDADE: ESPAÇO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL SUPERIOR.....	18
CAMPUS UNIVERSITÁRIO ARTHUR VIRGILIO FILHO - UFAM.....	21
<i>Infraestrutura Arquitetônica</i>	<i>24</i>
<i>O movimento dos estudantes no campus.....</i>	<i>30</i>
PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A ESPACIALIDADE DO CAMPUS AVF.....	33
<i>O campus como espaço de bem-estar</i>	<i>37</i>
<i>O campus como espaço funcional seguro</i>	<i>38</i>
<i>O campus como espaço de adequação estética</i>	<i>39</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
CAMPUS UNIVERSITÁRIO: DE ESPAÇO A LUGAR NA VISÃO DOS ESTUDANTES.....	42
INTRODUÇÃO	42
O AMBIENTE FÍSICO E PERCEPÇÃO	43
CAMPUS UNIVERSITÁRIO ARTHUR VIRGILIO FILHO - UFAM.....	46
PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A ESPACIALIDADE DO CAMPUS AVF.....	49
<i>As sensações que o campus transmite</i>	<i>51</i>
<i>Os lugares do campus</i>	<i>54</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
BEM-ESTAR SUBJETIVO DE ESTUDANTES: UMA PERSPECTIVA RELACIONAL COM O	
CAMPUS UNIVERSITÁRIO	58
INTRODUÇÃO	58
BEM-ESTAR SUBJETIVO	59
CAMPUS UNIVERSITÁRIO ARTHUR VIRGILIO FILHO - UFAM.....	62
PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A ESPACIALIDADE DO CAMPUS AVF.....	65
BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS ESTUDANTES DO CAMPUS AVF.....	69
BEM-ESTAR SUBJETIVO E ESPACIALIDADE DO CAMPUS.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A - CHECKLIST DO CAMPUS	85
APÊNDICE B - PROTOCOLO DE PESQUISA	86
APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA DA UFAM	90
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	91
ANEXO A – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO CEP.....	92

APRESENTAÇÃO

As atividades humanas ocorrem nos mais diversificados ambientes físicos, de tal forma que esse domínio de acontecimentos sociais conjuga contatos e relações específicas com outras pessoas, com as coisas e com outros seres do lugar. O ambiente físico possui características que influem no modo como os indivíduos percebem e vivenciam os locais. Esta vivência é formatada através de caracteres objetivos e subjetivos. Associam-se para constituir a experiência do ambiente, aspectos socioculturais e características pessoais.

O ambiente não é uma entidade independente, que existe “fora” em oposição ao “dentro”. Ao contrário, é um campo dinâmico que só existe por meio das relações que estabelecemos com ele. Para Ingold (2000) a criação de um ambiente é a criação de própria pessoa. É nas relações que desvendamos as ações ali desempenhadas, as quais revelam no seu conjunto as posições e os movimentos do nosso corpo num dado ambiente.

Fischer (s/d) nos apresenta duas maneiras ou modalidades de considerar esta relação no ambiente: uma baseada numa abordagem funcional ou instrumental (a partir da maneira como as pessoas utilizam um lugar) e a outra como experiência vivida (significados que esse lugar passa a ter a partir das vivências cotidianas). Essas duas formas de conceber um ambiente são cruciais para compreender de forma mais completa, tanto os atributos que exercem certas implicações na vida do ocupante quanto as experiências que nele ocorrem e cujo sentido se inscreve na recursividade de agir sobre um lugar, ao mesmo tempo que é “tocado” por esse ambiente.

A recursividade indivíduo e ambiente é um dos elementos presentes na obra de Merleau-Ponty (1999). Como Fischer (s/d), esse autor, pontua que os estímulos presentes no mundo não são considerados como externos ao indivíduo, uma vez que a realidade é transformada com a visão do expectador. Tais ideias comungam com Schopenhauer (2006), ao afirmar em o mundo como vontade e representação, pois não conhecemos o sol e nem a terra, mas sim, possuímos um olho que vê o sol e uma mão que sente a terra.

A Psicologia Ambiental apresenta modelos explicativos para a interação entre homem e ambiente. Ao analisarmos as pessoas, seja em pequenos ou grandes grupos, estaremos por sua vez considerando o espaço por elas ocupado, apropriado, modificado e personalizado. Considera-se desse modo, o aspecto indissociável entre os elementos próprios da realidade externa ou biofísica e os elementos socioculturais. Tal visão transacional é também ponto de defesa dos psicólogos italianos Bonnes e Sechiarolli

(1998), que insistem que ao invés de separar ambiente e pessoa, deve-se tratar o fenômeno da existência utilizando a unidade de análise “pessoa-no-ambiente”. Desta forma buscando apresentar os componentes desta relação seria possível verificar que aspectos devem ser considerados nas experiências de percepção e vivência dos indivíduos para com o ambiente.

Considerando o ambiente e sua característica física, temos hoje mais pessoas vivendo em cidades do que em zonas rurais. Este mundo mais urbano do que rural passou a ser real a partir de 2008. Em 1950, 30% da população vivia em cidades, hoje este percentual é de 54% e em 2050 serão 66% (DESA, 2014). No Brasil, somente a partir de 1970 é que a população urbana passou a ser maior que a população rural. A partir da década de 1930 é que há uma mudança para uma urbanização estrutural da sociedade brasileira (BRITO e SOUZA, 2005). Esse crescimento exorbitante se deu tanto pelas altas taxas de fecundidade quanto pela migração do meio rural para o urbano (BRITO e SOUZA, 2005).

Essa explosão populacional urbana trouxe consigo espaços mal planejados e precários sob o ponto de vista ambiental e social. As construções foram sendo priorizadas em detrimento da natureza provocando sérios problemas ecológicos e mal-estar aos habitantes. Ocasionalmente em distanciamento da natureza e os agravos no bem-estar físico e emocional das pessoas no desempenho de suas funções cotidianas. Da mesma forma ambientes construídos fora de suas funcionalidades, trazendo problemas tanto na produtividade quanto no bem-estar dos seus usuários.

O bem-estar é definido em termos objetivos e subjetivos. Objetivamente os impactos são decorrentes de elementos físicos, a qualidade do ar, da água, dos alimentos, o prédio, o arranjo espacial, a acessibilidade e mobilidades permitidas, entre outros. Subjetivamente se relaciona com as percepções, a qualidade das relações com outros indivíduos e aspectos cognitivos e afetivos que são de alguma forma moldados pelo espaço físico (DIENER, et al., 2002; FISCHER, s/d.). Além de dimensão necessária para a sobrevivência biológica, ainda que não seja tão simples apontar quanto espaço necessita uma pessoa, é a sensação de espaciosidade ou apinhamento que podem, entre outros fatores impactar na sensação de bem-estar das pessoas. Estas sensações têm sua definição para além do espaço físico puro e simples, são definidas pela cultura (TUAN, 2013).

Nesse estudo nossa atenção se voltou para o espaço universitário, nos seus arranjos espaciais e paisagísticos. Historicamente a instituição universitária tem

apresentado boa parte dos elementos presentes nas sociedades modernas. Recentemente, no entanto, vemos mudanças em sua estrutura arquitetônica que confere a essa instituição um caráter difuso, deixando o observador e usuário em dúvida sobre sua funcionalidade e até mesmo sobre sua simbologia. Com o aumento da demanda por cursos universitários houve um aumento e reorganização na área construída dos *campi* universitários, se antes estes locais eram maiores e com mais espaços de contemplação, a tendência é que se percam estas características ao buscar atender as demandas por educação (PINTO; BUFFA, 2009).

O ambiente universitário por si só é um espaço gerador de estresse. A constante necessidade de aprendizado em prol do desempenho acadêmico e desenvolvimento pessoal, também acompanha uma necessidade de ambientes atenuadores deste estresse. A reorganização do espaço das universidades pode não estar considerando os efeitos restauradores da natureza. Desta forma, Kaplan e Kaplan (1989) propuseram a teoria da restauração de atenção, onde a fascinação, o escape, o escopo e a extensão são elementos definidores do que seria um ambiente restaurador, capaz de reduzir o estresse. Desta forma os mesmos elementos que estão sendo desconsiderados, áreas verdes e espaços amplos, podem se mostrar essenciais para o bom desempenho acadêmico pelo estudante universitário.

Considerando a relevância dos elementos apresentados, a noção de espaço e ambiente, bem-estar subjetivo e as mudanças nos *campi*, e buscando estabelecer uma relação no uso social desse ambiente pelos estudantes, alguns questionamentos embasaram a presente proposta de estudo: O arranjo espacial dos *campi* tem impactado no bem-estar subjetivo dos estudantes? Quais elementos destes ambientes apresentam maior impacto? Que aspectos são considerados favoráveis ou desfavoráveis? A presença ou falta da natureza é um fator distintivo de bem-estar subjetivo no contexto universitário?

Pesquisar bem-estar subjetivo em universitários não é novo, assim como os espaços verdes e a vivência universitária, no entanto relacionar estes elementos com as percepções de espaço é algo que acrescentará ao campo das pesquisas das relações pessoa-ambiente (GRAZIANO, 2005; DELA COLETA, 2005; ALBUQUERQUE, 2015).

Com os resultados desta pesquisa fornecemos informações de forma a ajudar na proposição de instrumentos e análises para a efetiva proposição de políticas públicas relativas à manutenção de ambientes saudáveis e sustentáveis visando a qualidade de vida das pessoas e o equilíbrio ecológico. Pensar em ambiente sadio remete pensar a formação

de ambientes que permitam não apenas funcionalidades adequadas, mas também o bem-estar físico e subjetivo. O objetivo geral para este trabalho foi o de analisar o bem-estar subjetivo de universitários tendo como referência o espaço arquitetônico e paisagístico presente no Campus Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. De forma específica foram caracterizados o ambiente físico e aspectos paisagísticos do *campus* universitário; elencadas as formas de uso social dos espaços físicos no cotidiano dos universitários; e analisadas a percepção dos alunos sobre o bem-estar subjetivo tendo a natureza ou as construções como elemento diferenciador no cotidiano universitário.

Sobre o estudo

A pesquisa desenvolvida se caracteriza como descritiva exploratória (MINAYO, 2001; GERHARDT, 2009), com estratégia de levantamento de dados multimétodos (GUNTHER; ELALI, 2008). A abordagem multimetodológica, pressupõe a utilização de um conjunto de métodos para estudar o mesmo tema. Nessa triangulação de métodos é possível se obter uma maior aproximação da realidade de forma planejada e representativa.

No primeiro momento desse estudo foi utilizada a técnica da observação sistemática onde foi definido previamente o objeto sobre o qual o estudo se ancora (CANO; SAMPAIO, 2007), considerando que espaço é uma dimensão inalienável da socialidade presente entre os usuários (FISCHER, s/d.). Descrever o ambiente físico sob a sua dimensão objetiva agrega substancialmente a subjetividade dos usuários (GARCIA-MIRA, 1997). Para essa leitura psicossocial do espaço utilizou-se de um roteiro tipo checklist (lista de verificação). Essa técnica otimiza a observação direcionada neste estudo a descrever o ambiente físico e aspectos paisagísticos do Campus Universitário. O checklist é um instrumento composto por uma lista de itens organizada previamente de acordo com as especificidades do tema em questão, neste caso o arranjo espacial, o parcelamento do espaço, segurança, mobilidade, acessibilidade, conforto ambiental onde esses alunos transitam e estudam (MARGHANI et al., 2011). Observa-se sobretudo, a existência ou não dos elementos relativos a situação que nos interessa como parte de um ambiente que atua no bem-estar ambiental e pessoal. As observações foram realizadas três vezes, nos turnos matutino, vespertino e noturno, de forma a obter uma imagem do Campus nos três horários, matutino, vespertino e noturno. Buscamos seguir o trajeto dos

alunos, desde a chegada ao Campus, sua movimentação interna, a sala de aula, utilização dos espaços nos intervalos e utilização dos outros espaços coletivos. Foram efetuados alguns registros fotográficos para melhor compreensão dos aspectos analisados.

No segundo momento foi aplicado um formulário tipo questionário com perguntas abertas e fechadas e escalas sociais (Apêndice 1). O questionário foi aplicado em sala de aula e com alunos que se encontravam nos corredores e outros espaços coletivos. Inicialmente as perguntas remetem ao perfil sociodemográfico, seguido por questões fechadas relativas à percepção da inserção dos participantes nesse ambiente físico e sobre seu bem-estar subjetivo e aspectos de interação social. Após essa seção foram incluídas perguntas abertas sobre a satisfação dos estudantes com o Campus.

A escala social de verificação da satisfação com a vida (DIENER, 1985) é composta de cinco perguntas, com respostas escalonadas em graus de concordância variando de um, (discordo totalmente), até 10 (concordo totalmente). As perguntas referem-se às diferentes maneiras do indivíduo perceber seu bem-estar subjetivo considerando aspectos cognitivos, também a dimensão do tempo questionando a respeito da percepção de eventos passados na vida do indivíduo.

A escala de felicidade subjetiva (LYUBOMIRSKY; LEPPER, 1999) por sua vez, é composta por quatro perguntas. Esta escala considera a auto percepção sobre o bem-estar subjetivo individual e como ele considera que os outros percebem sua felicidade. Analisamos estes dados com estatística descritiva, de forma que as escalas foram analisadas considerando as relações entre os temas pertinentes a este estudo, considerando frequência das respostas e categorias derivadas destes conjuntos de dados.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa da UFAM e aprovado ao se submeter a todos os procedimentos solicitados, a aprovação está registrada sob o parecer número 2.414.234, CAAE: 79524617.2.0000.5020.

Apresentamos os resultados e conclusões deste estudo em três capítulos, no formato de artigos científicos. Cada capítulo contemplando um objetivo específico desta pesquisa, portanto tal escolha reverte em alguns pontos repetitivos para o leitor desta dissertação.

No capítulo 1 é apresentado o Campus Universitário Arthur Virgílio Filho, da UFAM cujos alunos estão inseridos. Nesta apresentação estão incluídas, entre outras coisas, a análise sobre os aspectos físicos e paisagísticos sob o olhar externo do pesquisador. O capítulo traz o contraste entre a funcionalidade planejada e a real dos espaços do Campus e a resignificação dada a estes espaços e que novas possibilidades

passaram a existir desde sua criação. Além disto, descreve as percepções dos alunos a respeito dos aspectos arquitetônicos e paisagísticos do Campus.

No Capítulo 2 aspectos da afetividade advinda dessa vivência no Campus onde se discute como se dá a percepção do espaço considerando as preferências dos estudantes, é o olhar do estudante sobre o espaço de forma mais direta.

No capítulo 3 problematiza-se as questões relativas ao bem-estar subjetivo dos estudantes do Campus Arthur Virgílio Filho, da UFAM, e suas percepções sobre o espaço físico em que estão inseridos, tanto os aspectos arquitetônicos como os aspectos paisagísticos.

Por fim, se encerra essa dissertação com algumas considerações finais sobre o estudo como um todo.

CAPÍTULO 1

CAMPUS UNIVERSITÁRIO: ESPAÇO FÍSICO E SOCIALIDADE DOS ESTUDANTES

“Você acha a filosofia difícil, mas eu te digo, não é nada comparada a dificuldade de ser um bom arquiteto”

Ludwig Wittgenstein

Introdução

As atividades humanas necessitam de espaços específicos para que possa ocorrer sua fruição, e as instituições são lugares onde a pessoa atua de acordo com a função a ela destinada pela sociedade. A universidade é uma dessas instituições na sociedade industrializada contemporânea. É uma instituição acadêmica cujas funções agregam educação superior, extensão e pesquisa. Nesse espaço as pessoas buscam esse fim em primeira instância. Para isso, as atividades acadêmicas universitárias possuem necessidades de uma estrutura espacial demarcadas com funções subordinadas à função social da universidade (FISCHER, s/d.). Segundo esse autor, os prédios podem ser caracterizados como estrutura fixa, que junto com as estruturas semifixas, mobiliários e equipamentos, fazem da instituição universidade um ambiente ordenado para tal uso.

Essas estruturas espaciais carregam em sua materialidade significados e valores que são produzidos e reproduzidos pela sociedade que a criou e a utiliza. Há, portanto, uma unidade implícita e explícita da espacialidade com a socialidade que dela e nela ocorre. O espaço físico é aspecto da subjetividade dirigida àquele usuário para o qual foi planejado. Dessa forma, as necessidades funcionais devem estar inexoravelmente atreladas às necessidades socioculturais do usuário. Conforma-se assim que os aspectos materiais e simbólicos são elementos indissociáveis das relações entre pessoa e ambiente, seja ele natural ou construído (FISCHER s/d). Pode-se compreender uma sociedade na forma como ela estrutura suas instituições, cuja materialidade manifesta a estrutura social que a criou e que a mantém. Dessa forma, compreender o ambiente universitário, há que se incluir a dimensão física que sedia os eventos sociais.

Nesse capítulo faz-se uma leitura psicossocial desse espaço universitário, tendo como lócus o campus universitário Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Embora esse campus seja mais recente que a própria UFAM, é um espaço representativo da antiga Escola Universitária Livre de Manaus, uma das universidades mais antigas do Brasil. O Campus projetado por Severiano Porto, se destaca pela ousadia do arquiteto que o projetou de forma a se inserir como um aspecto da floresta amazônica. Considerando tais aspectos físicos e socioculturais, a leitura que aqui se faz é para compreender aspectos da socialidade que nela se exprime.

A Universidade: Espaço de Formação Educacional Superior

As universidades surgem no século XII acompanhando um crescimento econômico que possibilitou a valorização da escrita e do aprendizado. A transformação dessa atividade de aprendizagem foi acompanhada na formação de um espaço físico específico. Se antes os mestres davam aulas em espaços não delimitados, quase como personagens fortuitos, com a criação e a organização de um espaço destinado ao ensino, esses mestres passam a ser reconhecidos como professores que atuam em salas de aula na formação de alunos. Nesse novo espaço, novas relações sociais surgem a partir atividades acadêmicas que ali se estabelecem (SALOMÃO, 2011).

As universidades, na sua forma de ensino superior e o trabalho do professor/escritor surgem com a formação de um outro espaço maior, que foi o das cidades. É nesse macro ambiente que se torna possível o ensino como modo de vida. Essa possibilidade surge não somente com a aglomeração de pessoas, ofícios e recursos, mas também com o fortalecimento de classes sociais que estarão se movimentando em torno desse espaço universitário (GILLI et al., 2007).

Após o século XV, quando a igreja e a burguesia começam a financiar as universidades, seus amplos *campi*, ricas bibliotecas e construções suntuosas, o status social impregnado nessa instituição se destaca de forma permanente. Se a universidade como um todo passa ser um ambiente de alto status social, internamente começam a surgir hierarquias entre cursos com a divisão de alunos de alto e baixo poder aquisitivo (OLIVEIRA, 2006). Dessa forma, a sociedade passa a manifestar o status da atividade ali presente com a materialidade do prédio, do mobiliário e demais aparatos. Basta assim ser

usuário desse determinado espaço para ser igualmente reconhecido como tal (FISCHER, s/d).

Como instituição de uma dada sociedade, cada universidade se desenvolveu de forma a representar o status e a funcionalidade que a ela foram designadas. De acordo com Salomão (2011) as universidades de Paris e Oxford eram associações de mestres, uma reunião de várias escolas, e predominavam a teologia e as artes liberais. Nas regiões mediterrâneas eram associações de alunos que conformavam as universidades. Nas primeiras, a relação de poder era dos mestres para os alunos, do maior grau para o menor. As outras universidades possuíam uma relação de poder mais equitativa. A hierarquia das universidades, portanto, era definida por sua criação. As universidades medievais poderiam nascer de três formas, a primeira sendo denominada espontâneas, surgem de escolas que já existiam. A segunda forma de criação das universidades era derivada da migração de alunos e professores de uma região para outra, uma secessão de uma universidade anterior. E a terceira forma era através da criação direta por autoridades eclesiásticas ou temporais (SALOMÃO, 2011).

O modelo de formação espontânea e o criado por autoridades influem diretamente na formação dos *campi*. As universidades britânicas, em sua maioria, espontaneamente criadas, se estabeleceram no meio das cidades com elas mesmo ativando o comércio local e a atividade econômica. As universidades americanas por sua vez, criadas por uma relação entre os acadêmicos e os poderes econômicos e/ou o estado escolhem isolar-se em meio às zonas rurais. Os modelos americanos são criados buscando um meio idílico na zona rural, como espaços tanto de ensino quanto estética (PINTO; BUFFA, 2009).

Não só a localização tem sua correspondência simbólica, mas também a organização arquitetônica mostra sinais da estrutura social e símbolos inerentes a essa instituição. Pinto e Buffa (2009) descrevem dois modelos de construção das universidades britânicas. O modelo de Oxford, com um espaço de circulação quadrado sem mobiliário caracterizado como espaço de circulação. Já o modelo de Cambridge com livre acesso, pátio interno livre caracteriza um espaço para a constituição de convivência. Essas estruturas convêm apenas estruturas diretamente ligadas ao ensino, pois ao redor, fora da instituição se encontra outros aparatos da vida. No modelo americano, como exemplo a universidade de Virginia, surge o termo *campus*, não como um prédio, mas uma grande área onde se situa prédios, praças, comércio e lazer. Estando a universidade fora da “cidade”, longe da urbanidade e de amenidades urbanas ao redor de si, requer a criação de equipamentos necessários para a sua sobrevivência como se uma cidade pequena fosse.

A universidade brasileira, como espaço de ensino superior, foi criada a partir da vinda da família real portuguesa. A proposta inicial era que fosse construída nos moldes dos *campi* universitários europeus, mas foi reorientada pela restrição de recursos. Dessa forma os *campi* brasileiros, dependendo da região, foram tomando espacialidades diferenciadas tanto para refletir a cultura quanto a realidade geográfica e ambiental. Uma tentativa de padronizar as universidades só viria a ocorrer com a reforma universitária em 1968, esta reforma viria a definir a estrutura das edificações dos *campi* universitários (FÁVERO, 2006). A padronização instituiu alguns aspectos dos *campi*, como a existência de uma área arborizada ao seu redor e a aglomeração de edificações por área de conhecimento. Esta padronização acabou por afetar profundamente o aspecto paisagístico das universidades, diminuindo o aproveitamento dos aspectos locais como forma de integração paisagística (PINTO; BUFFA, 2009).

A Universidade Livre de Manaus, assim como a de São Paulo (USP) foram constituídas antes dessa reforma universitária, por isso mantiveram aspectos salientes do modelo americano. Na época de sua instalação eram relativamente isoladas, mas com o passar dos anos foram integradas ao perímetro urbano devido à expansão da cidade. Os demais *campi* foram sendo instalados a partir da reforma de 1968, porém muitas flexibilizações foram ficando evidentes. Com a alta demanda de ensino superior os *campi* universitários foram sendo construídos rapidamente e raramente se prendendo à uma específica exigência ambiental e arquitetônica. A pressão surgiu principalmente com o crescimento do número de estudantes universitários em 81% entre os anos de 2003 e 2012, bem como o aumento do número de instituições de ensino superior antes 1.859 em 2003 para 2.416 em 2013 (INEP, 2016).

Em muitos casos a ideia de campus não mais se aplica, se rendendo a um espaço diminuto e, não raro, acomodado em construções que nada estimulam a atividade fim da universidade. Em Manaus-AM, observa-se o crescimento vertiginoso de faculdades privadas que alugam espaços, antes comerciais e até habitacionais para abrigar suas atividades. Distinção, no entanto, ocorre com as universidades públicas, que ainda resguardam a configuração de campus, pelo menos para uma concentração maior da maioria dos seus cursos. Alguns dos cursos, no entanto, estão alojados em lugares centrais da cidade, ocupando prédios antigos que retratam a história de sua instalação.

Estes novos espaços de ensino surgem no meio das cidades atendendo a uma demanda atual, onde estar mais próximo do público parece ser um critério de inclusão de novos estudantes. O espaço físico, como a localização e as estruturas fixas são

negligenciadas como aspectos importantes na formação educacional superior. A sala de aula se torna central e exclusivo espaço para que os estudantes busquem sua profissionalização. Os elementos paisagísticos são retirados em detrimento aos objetos e estruturas de decoração interior. No entanto, o campus, como estrutura física da universidade ainda se distingue e favorece uma identidade única. Esse é o caso do Campus Arthur Virgílio Filho da UFAM – Campus AVF, que se torna *locus* nesse estudo.

Campus Universitário Arthur Virgílio Filho - UFAM

Atualmente a UFAM registra um número de vinte mil alunos distribuídos em 96 cursos de graduação e 6 *campi*. Aqui focamos nosso olhar para um campus específico, que se confunde com a própria universidade. A obra do campus pode ser descrita como gigantesca pela dimensão do espaço. Apesar da universidade ter sido criada em 1909 (a primeira instituição de ensino superior do Brasil), as obras foram iniciadas em 1973 e em 1986 os primeiros prédios foram sendo ocupados por alguns cursos. O terreno onde foi construído o campus AVF foi doação do governo do estado na década de 1970. Na época, esta região era o limite da cidade, então seguia o ideal do campus no modelo americano, um espaço isolado, idílico, longe da vida urbana (PINTO; BUFFA, 2009). No entanto, esta configuração viria a mudar muito rapidamente nas décadas de 1980 com a expansão da Zona Franca de Manaus e seu distrito industrial. Pelo fato da localização do Campus ser contíguo ao distrito industrial, a ocupação de áreas próximas passou a ser um evento incontável pelo Estado. Aquela floresta inicial passou a ser um fragmento florestal urbano.

O Campus AVF foi instalado num fragmento florestal de 6,7 milhões de quilômetros quadrados, o terceiro maior fragmento verde em área urbana do mundo e o primeiro do Brasil, no entanto a área construída corresponde a 35% do projeto original. Muito do entorno desse fragmento florestal foi sendo ocupado por moradores que instalaram os bairros mais adensados de Manaus. Para conter essa ocupação a área do Campus passou a ser delimitada como parte de uma grande Área de Proteção Ambiental (APA)¹.

¹ APA UFAM, INPA, ULBRA, LAGOA DO JAPIIM, ELIZA MIRANDA e ACARIQUARA, criada pelo Decreto Municipal N.1503 de 27/03/2012. Esta Unidade de Conservação reúne 759,15 ha formados por diversos fragmentos florestais urbanos. na área leste da cidade.

O Campus AVF é uma ilha verde na adensada área leste da cidade de Manaus e se divide em dois setores, o Setor Norte e o Setor Sul.² Os dois setores são interligados por uma estrada asfaltada que percorre o relevo de platô, outro, e por este motivo apresenta certa sinuosidade (Figura 1). Essa configuração em camadas, a cidade, a floresta e o Campus AVF, que torna este local um exemplo distinto de espacialidade.



Figura 1 – Campus Arthur Virgílio Filho - Universidade Federal do Amazonas.
Fonte: Google Earth (2018).

O acesso ao Campus AVF é feito por uma via de muito movimento de veículos, caminhões e ônibus a qual interliga o Distrito Industrial e a Zona Leste da cidade. A maior parte dos estudantes usa como meio de transporte o ônibus, cujas linhas favorecem esse deslocamento.³ (Figura 2).

² O setor norte comporta o Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Computação (IComp), Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), Faculdade de Direito (FD), Faculdade de Tecnologia (FT), Faculdade de Estudos Sociais (FES), Faculdade de Educação (FACED), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Faculdade de Artes (FAARTES) e Faculdade de Letras (FLet). No setor sul estão a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF), Faculdade de Psicologia (FAPSI), Faculdade de Ciências Farmacêuticas, (FCF), e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

³ Algumas linhas de ônibus ligam os setores e o campus às outras regiões de Manaus. As linhas que possuem estação no campus, são as de número 616, que liga o campus ao terminal de integração viária da cachoeirinha (T2); a linha de número 125 que integra o campus ao centro da cidade, integrando-se ao terminal de integração 1 (T1). As linhas de número 352 e 002, não possuem estação no campus e não disponibilizam a gratuidade, a primeira linha integra o campus com os terminais 3 e 4 (T3 e T4) na zona norte da cidade e a segunda denominada circular, percorre a região oeste. Além destas quatro linhas viárias,

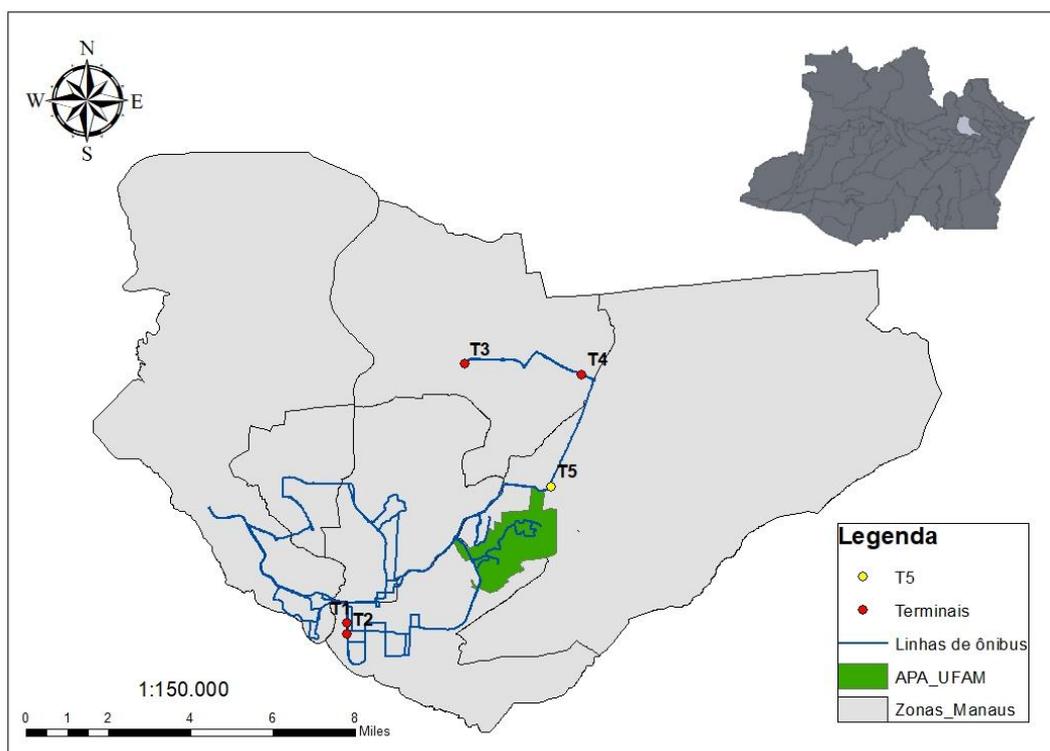


Figura 2 – Acesso ao Campus Arthur Virgílio Filho - UFAM através do modal rodoviário urbano.

Fonte: Elaborado pelo autor, neste trabalho.

Os alunos dispõem de um Sistema de Bilhetagem Eletrônica coordenado pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros do Estado do Amazonas - SINETRAM que permite a utilização de até dois trajetos no intervalo de duas horas ao preço de uma passagem. No entanto, estas conexões nem sempre são rápidas e exigem, em muitos casos, esperar em locais desprotegidos das intempéries do tempo amazônico (chuvas e sol ardente), e mais recentemente estar à mercê de criminosos que assaltam os alunos em busca de dinheiro, celulares ou até computador.

Na pesquisa conduzida, observou-se que a maioria dos estudantes utiliza o modal de transporte coletivo urbano (57%), seguido do modal de carro (33%), as outras opções, a pé, de bicicleta, e de moto, apresentaram resultados abaixo de um por cento, por fim, a opção bimodal, em que o participante apresentava duas opções foi a terceira maior (6%), os participantes que escolheram bimodal, marcaram usar carro e ônibus, em resumo,

uma quinta, denominada integração, percorre o campus fazendo paradas no campus norte, sul, e no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) a linha de integração é totalmente gratuita.

considerando a localização do campus, as outras opções mostram-se inviáveis, exceto pela moto, que mesmo assim apresentou relevância muito baixa.

Por fim, a maior parte dos estudantes dessa pesquisa diz se deslocar diretamente de suas casas (82%) para o Campus. Estas informações servem como ponto de partida para análises sobre perfil dos estudantes universitários, no Brasil e especialmente na região amazônica.

Infraestrutura Arquitetônica

Para caracterização espacial do Campus AVF/UFAM foram feitas observações três vezes por semana, de forma a obter uma imagem nos três horários, matutino, vespertino e noturno. Utilizou-se um espaço de quatro horas nas observações, exceto no turno noturno, que foram duas horas. Buscamos seguir o trajeto dos alunos, desde a chegada ao Campus, sua movimentação interna, a sala de aula, utilização dos espaços nos intervalos e utilização dos outros espaços coletivos. A descrição do espaço do Campus foi pautada na leitura psicossocial dos ambientes (FISCHER, s/d) e nas imagens derivadas da interação entre observador e ambiente (LYNCH, 1960).

A utilização de uma lista de verificação permitiu que as visitas aos locais de estudo fossem direcionadas, no entanto, foram acrescentados alguns itens devido à importância observada em loco. Originalmente os itens analisados estavam divididos em três dimensões: Infraestrutura, segurança e espaços de socialização, a estas foram acrescentadas, características do espaço institucional e regras de organização do espaço. Utilizando como norteador as ideias de Fischer (s/d) e as definições de Lynch (1960). Estabeleceu-se que o Campus segue a lógica da imagem da cidade e seus elementos, caminhos, limites, distritos, nodos e ponto de referência, ajudam a focar o olhar para os elementos da paisagem que podem demonstrar mais acuradamente as relações entre os estudantes e o espaço universitário.

Ao apresentar o campus que abriga a maior parte dos cursos da UFAM, é necessário considerar o seu planejamento arquitetônico. O Campus Arthur Virgílio Filho (AVF) reflete uma concepção irreverente para a época em que foi construído. Severiano Porto, arquiteto idealizador desse campus, tinha uma noção diferente da do criador do movimento modernista na arquitetura, “*Uma casa existe para dar felicidade a quem vai morar dentro dela...*” (PORTO, 1985). O projeto do campus afirma essa distinção entre

o espírito da época, modernista e o de pertencer a um ambiente amazônico⁴. A denominação de estilo dada ao projeto arquitetônico do Campus AVF seria então uma versão modernista. No projeto são levados em consideração aspectos de estilo regionalista, como a utilização de madeiras da região e a preocupação com fatores de pressão ambiental, principalmente as relativas ao calor e falta de ventilação. Dessa forma, os prédios foram projetados para contemplar conforto e consciência ambiental. Isso, no entanto, veio a ser atendido de forma parcial, uma vez que a umidade elevada e a obstrução do vento pelas árvores frondosas que margeiam as instalações impediram o ideal de se ter ambientes sem refrigeração. A floresta permaneceu ali integrada com os prédios antigos e novos.

O conjunto de prédios que formam os dois setores são semelhantes, de acordo com a época de sua construção. Os prédios feitos a partir da proposta de arquitetura inicial são todos térreos, com muitos detalhes em madeira regional. Os mais recentes são prédios com até 5 andares, já com um design moderno com pastilhas de cerâmica e de cores claras.

Os prédios originais, em sua maioria possuem uma infraestrutura peculiar. As salas de aula atualmente climatizadas, mudam, assim, a proposta do projeto original, uma vez que a utilização das coifas não diminuiu a pressão ambiental do calor. Assim as coifas foram fechadas. Segundo análise de Neves (2008), a refrigeração original garantia uma diminuição de apenas 0,7° Celsius, muito abaixo da promessa de diminuição de até sessenta e cinco por cento na temperatura. Nem mesmo nas salas dos prédios do platô mais elevado, conseguiu-se aproveitar os ganhos prometidos no projeto. Estas adaptações foram sendo executadas, sem haver redefinição do projeto proposto por Severiano Porto (Figura 1).

Em cada sala de aula o mobiliário se resume em carteiras com mesas, a mesa do professor e eventualmente um pequeno armário para armazenamento de algum material didático. As carteiras são feitas em material resistente e com formas para serem encaixadas caso seja necessário dividir os alunos para realização de trabalhos em grupo. Apesar da forma ergonômica pouco conforto propicia para longas horas de aula.

⁴ O modernismo, movimento inaugurado na arquitetura surge para resolver a questão da preferência do estilo das construções (DE BOTTON, 2006). O arquiteto Le Corbusier, (1985) considera que toda construção deve ser pensada de acordo com a sua função primária.

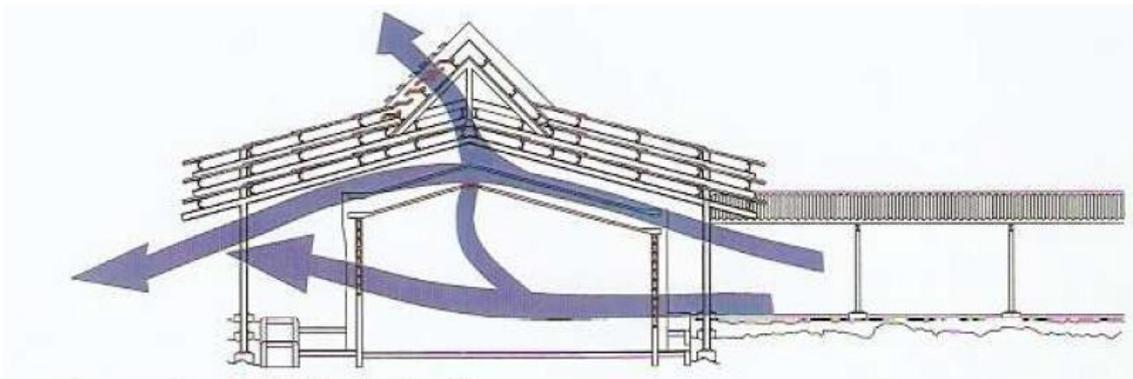


Figura 3 – Esquema de ventilação das salas de aula
Fonte: Revista Finestra (2008).

A iluminação das salas de aulas é invariavelmente artificial. Apesar das grandes janelas, os prédios são cercados por vegetação, o que diminui a incidência de luz direta nas salas. Nos novos edifícios, a iluminação natural é mais presente, mas pela intensidade da luz, em alguns casos uma cortina é improvisada para evitar o incomodo do reflexo da luz nos quadros brancos ou durante as apresentações usando retroprojetores ou *datashows*.

De modo geral, tanto os prédios antigos como os novos possuem corredores largos, mas, com luminosidade distintas. Os blocos originais apresentam os mais largos e longos corredores que ligam às salas de aulas. Esses corredores são os mais escuros. Já os corredores mais curtos são os dos prédios das áreas administrativas, cuja luminosidade é maior (Figuras 4 e 5). Os corredores dos prédios são espaçosos e geralmente livres de obstáculos. Segundo o projeto original todos eles se conectam a outro corredor que permite rápida vazão ao fluxo de passantes. Tanto o Setor Sul quanto o Setor Norte deixam visível a função do corredor como artérias que ligam prédios com prédios, prédios com halls e outros caminhos. Esta racionalidade dos caminhos se perde nos novos edifícios com andares, como por exemplo, das Faculdades de Ciências Agrárias e Farmácia. Nestes locais, o fluxo é vertical, e os acessos se dão por escadas e um elevador por edificação.

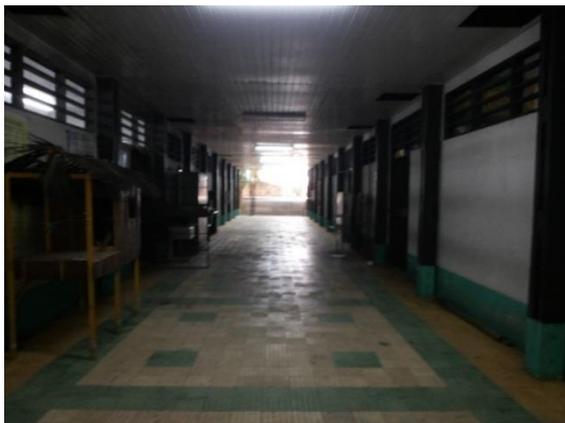


Figura 4 – Corredores antigos (FCA)



Figura 5 - Corredores novos (Farmácia)

Fonte: acervo do autor. Setembro de 2017.

Nos corredores há quadros de avisos com informes das coordenações, eventos culturais dos alunos, reuniões de grupos de estudos, feiras de livros e cartazes de achados e perdidos. Os avisos oficiais possuem maior nível de formalidade tanto em sua forma quanto em sua escrita, já os avisos de festas e outros eventos culturais, são mais coloridos e artísticos. De modo geral os cartazes e avisos são afixados, mas raramente removidos, por isso muitos lá permanecem formando uma poluição visual na parede. É raro ver alunos pararem para ler os avisos.

Os quadros de avisos servem ainda como um localizador de departamento para auxiliar ao observador sua localização atual, uma vez que não há sinalizações bem elaboradas no Campus ou aglomerado de prédios elaboradas com base em um projeto de identidade visual. Os diversos prédios carecem de identificação explícita ao visitante. O estranho ao lugar se perde facilmente, uma vez que em ambos os setores a sinalização é restrita, e quando há as siglas se sobressaem, dando a entender que estas são feitas para quem conhece o Sistema de Identificação Departamental da Universidade. Nesse sentido, há uma implícita ideia de que o Campus pertence aos seus usuários frequentes, um espaço apropriado e, que, portanto, não seria necessário apresentar ao seu ocupante o espaço que ele supostamente está acostumado e lhe é familiar.

Os banheiros dos diversos prédios se distinguem também entre os prédios antigos e novos. Porém em ambos os casos, não é raro encontra-los fechados para uso exclusivo dos usuários do bloco ou departamento a que pertencem, ou até mesmo restritos aos usuários de uma determinada função, por exemplo, equipe administrativa ou professores. Os demais banheiros de uso irrestrito, tanto feminino quanto masculino, têm seu acesso

controlado por funcionários da empresa de conservação da universidade. Mesmo assim, esses banheiros podem ter seu uso interrompido em função da limpeza ou horário de refeição do funcionário. Não há uma coordenação prevista para essa escala, de modo a ter sempre banheiros disponíveis. Cada prédio, ou cada posto de banheiros, tem uma organização própria e independente dos demais, por isso, não raro, os alunos têm que se deslocar fortuitamente para achar um aberto para uso imediato. Justamente na hora de maior uso, nos horários de intervalo, almoço e jantar, por exemplo, esses banheiros estão menos disponíveis. De fato, os banheiros em universidades têm sido os ambientes com pior avaliação dentre todos os demais ambientes (DELABRIDA, 2010).

Os banheiros como os corredores, são prioritariamente pontos de passagem, ou de uso temporário para cuidado com o corpo, caracterizando-se em espaços intersticiais (FISCHER, s/d). Dessa forma, nesses casos a apropriação do lugar não ocorre. Tais aspectos mostram que a intervenção com o controle de uma pessoa nesses banheiros, tem a ver com o vandalismo que ocorria sem essa presença. Mesmo assim observa-se que dentro dos sanitários as paredes estão rabiscadas com frases, nomes e, muitas vezes, palavões. Augé (1994) em suas análises sobre esses espaços, afirma que pela falta de um vínculo e não pertencimento é comum as pessoas não terem um cuidado sobre esse espaço, nem se preocuparem com o próximo usuário. Já Fischer (s/d) argumenta que este local pode se tratar de espaço de refúgio, onde os ocupantes expressam suas vontades reprimidas e fazem desse espaço um lugar de catarse do stress vivido fora dali.

Em alguns prédios há salas que abrigam de forma parasitária pequenas bibliotecas temáticas, onde estão depositados os livros, mas não há espaço suficiente para abrigar os alunos que desejam permanecer no recinto para suas pesquisas. O maior acervo está na Biblioteca Central que se localiza num prédio no Setor Norte, onde o espaço é amplo e apropriado para a função destinada. Ao longo dos anos o prédio tem passado por adaptações para a inserção de equipamentos de informática e demais equipamentos para fotocópias e impressão de trabalhos, além de aparatos de mobilidade e acesso. Persiste, no entanto, espaço de estudo individual e espaços para trabalhos em equipe, que em alguns casos estão lado a lado (Figura 6).



Figura 6 – Espaço de estudo e atendimento na biblioteca
Fonte: Acervo do autor. Setembro de 2017.

Nos dois setores do Campus AVF há restaurantes e lanchonetes espalhadas no conjunto de prédios. No Setor Sul há 3 restaurantes que servem três refeições aos universitários com preços subsidiados amparados no decreto nº 7.234/2010. No Campus Norte, há também lanchonetes e restaurantes. Fora do horário de almoço, café da manhã e jantar, somente lanchonetes comercializam alimentos industrializados e lanches. A partir de uma crescente demanda por comida saudável, no Setor Norte do Campus há uma lanchonete que comercializa esse tipo de alimento.

Nos dois setores do Campus AVF há uma resolução do conselho universitário, de número 002/2012 instituindo a política ambiental na UFAM desta forma é norteado as ações como o descarte de lixo e descarte de recicláveis (Figura 7). No entanto, estas parecem não ser suficientes para a quantidade de público que utiliza as áreas desses prédios, e que o público não é muito atento as regras de descarte. Constata-se que nos



Figura 7 – Lixeiras para coleta seletiva.
Fonte: Acervo do autor. Setembro de 2017.

coletores de resíduos é comum ver restos de alimentos. Da mesma forma, verifica-se que entre os prédios há vários entulhos de móveis ou até equipamentos inservíveis à espera de um destino mais apropriado, mas lá ficam por muito tempo. O campus AVF em seu caráter de entidade pública federal, deve acompanhar a Lei 12.305/2010, que instituiu o Plano Nacional de Resíduos Sólidos. As lixeiras dão, no entanto, visibilidade para uma filosofia de cuidado ambiental sempre presente na Universidade. Esse cuidado se estende na arborização que é podada frequentemente.

A presença da floresta é uma identidade marcante e em muitos casos suplanta a existência de jardins devido à falta de luz solar. É nesse espaço institucional composto por prédios, corredores, salas, auditórios, bibliotecas e laboratórios que a floresta cresce naturalmente como um limite de uso. Alguns vasos com plantas são vistos em alguns corredores ou nas secretarias de algumas faculdades. Dentro dos prédios a decoração é formal e impessoal, com uma personalização mais presente nos espaços de cada servidor ou professor.

O movimento dos estudantes no Campus

Os estudantes que se movimentam entre os prédios podem fazê-lo nas trilhas pavimentadas ou em atalhos feitos sem nenhum cuidado. O uso dessas vias depende muito do horário. Durante o dia o acesso é maior, mas à noite pouco uso é feito dos atalhos, pois, a iluminação é precária. No horário da noite, há uma inflexão no uso dos espaços, pois a iluminação dos corredores é esparsa, o que faz com que existam áreas sombreadas nos limites dos blocos. Dessa forma, a exploração do espaço externo do Campus é deixada de lado pela busca da familiaridade com os espaços iluminados. As grandes árvores e arbustos que separam os blocos deixa o ambiente mais escuro, principalmente ao entardecer e em dias de chuva. Além dos fatores de luminosidade essa movimentação dos estudantes é diminuída por conta da segurança.

A segurança do Campus é feita por empresa terceirizada, mas esta tem um objetivo principal de garantir a integridade do patrimônio da Universidade, não está no escopo de suas atividades a ostensiva garantia da ordem no espaço do Campus. Por este mesmo motivo o acesso é livre para externos em qualquer dependência. As limitações de acesso são invisíveis e constituídas na prática pelos diferentes usuários. Há lugares de professores, de alunos e de pessoal técnico-administrativo, mas enquanto o acesso é permitido, a permanência é condicionada ao fato de pertencer ou não a esse grupo ao qual

se destina o espaço. Assim, na sala de professores, os alunos podem adentrar para falar com professores, no centro administrativo, professores e alunos têm acesso, mas para resolver as questões pertinentes a essa função.

Vê-se ainda outro tipo de usuário que adentra nesses espaços, a convite ou aleatoriamente, que são comunitários, pessoas pertencentes a associações civis, políticos e até mesmo mendigos. Esse público é notado e de alguma forma bem recebido nos mais diversos espaços do Campus AVF. Porém, essa circulação em muitos casos traz insegurança para boa parte dos alunos, professores, técnicos e demais usuários, seja mulher ou homem, que em períodos noturnos, ou de menor movimento, sentem-se cerceados de sua liberdade, por atribuir perigo ao andar pelas trilhas ou corredores mal iluminados.

Independente desse aspecto de insegurança, o Campus é um espaço propício para socialização de grupos internos e externos. É um espaço democrático que permite uma abertura à sociedade. Isso pode ser notado pelos eventos multiculturais e multiprofissionais que acontecem nos diversos auditórios e halls de convivência espalhados nos dois setores. Apesar dessa funcionalidade democrática do espaço universitário, o projeto arquitetônico não parece ser amigável para socialização mais pessoal. Permanece uma diretriz que conforma os comportamentos, a própria noção de espaço pessoal e distância é pensada de uma maneira formal. O espaço se exprime nas interações das pessoas, sem que haja consciência direta do distanciamento, de acordo com a situação onde se encontram (FISCHER, s/d), desta forma, os espaços universitários do Campus AVF, fomentam conversas mais sociais do que próximas, na acepção de HALL (1966). Há a ideia de que na universidade os encontros e relacionamentos se mantenham num âmbito público e não íntimo, portanto o arranjo produz e reproduz esse tipo de socialização planejada e vigente.

As indicações do projeto original pouco fomentam uma interação proximal, ao contrário, há um certo distanciamento que o mobiliário sugere, como os bancos dispostos nos halls (Figura 8). Apesar desse tipo de mobiliário não permitir interação face a face, somente lateral, estes espaços são reconfigurados e usados por grupos para conversas, onde uns ficam sentados nos bancos e outros em pé ou sentados em frente (Figura 9), formando assim espaços parasitários (FISCHER, s/d.), ou seja, espaço que são apreendidos pelos usuários alterando suas funções originais, sendo utilizados para conversas animadas ou ainda discussões políticas e trabalhos acadêmicos. Os bancos, não

raro, estão sempre desocupados, pois visivelmente não permitem esse tipo de socialização. Os bancos possuem um design frio, despersonalizado e desconfortável.



Figura 8 – Espaços de interação e descanso originais.

Fonte: Acervo do autor, setembro de 2017.

Pela distância do comércio e demais aparatos urbanos, o Campus dispõe de agências bancárias em ambos os setores, que é frequentado muito mais pelos professores e servidores do que propriamente pelos alunos. O movimento maior em torno dessas agências é no horário do almoço. Pequenos empreendedores, principalmente de alimentação e artesanato são vistos tanto nos halls quanto em alguns corredores, onde fixam uma pequena mesa e mostram seus produtos, que se barato forem, a clientela se aglomera em torno dela.

De acordo com Fisher (s/d), as pessoas organizam e produzem o seu meio em função de múltiplos fatores. O espaço do Campus possui duas lógicas distintas que regem os espaços internos dessa instituição. A primeira, funcional, determina a proximidade ou separação dos espaços de acordo a sua finalidade (FISCHER, s.d.). No caso específico deste Campus, é possível citar como exemplo os prédios agrupados em blocos de sala de aula, de laboratório, e de administração. A segunda lógica de organização dos espaços internos é social, de um espaço parcelado tanto macro como micro espacialmente. A função da formação profissional é saliente e conformada com essa missão.

As relações que ocorrem no interior do arranjo espacial próprio desse Campus caracterizam divisões especializadas, seja do tipo de curso, seja do tipo de usuário ou do tipo de atividade. Fischer (s/d.) reafirma que cada atividade está fortemente ligada a

determinados espaços previstos para esse fim, mas no ambiente da Universidade há uma transgressão branda que reverte algumas lógicas da estrutura social que a determinou. Observa-se uma certa flexibilização, que só nessa instituição é possível.

A flexibilização é, no entanto, parcial, pois está implícito na ordem espacial um uso hierárquico, que se manifesta na identificação do usuário daquele lugar, por exemplo, banheiro dos servidores desse prédio, secretaria de pós-graduação, sala de professores, etc. Em alguns espaços essa apropriação é mais fluída, ou seja, o uso é delimitado pelo tempo, ou seja, uma mesma sala de aula pode ser um espaço para alunos do curso de engenharia, e noutro tempo, de uso dos alunos de sociologia, por exemplo. Esse multiuso não raro, serve para adentrar o espaço de “outros” e reconhecer peculiaridades que lhes agrada ou não, onde os alunos comentam, “esse pessoal de sociologia tem um jeito diferente...” ou ainda “só pode ser desses engenheiros...”.

Percepção dos universitários sobre a espacialidade do Campus AVF

Nesse espaço físico os estudantes estão inseridos para cursarem uma formação superior. Tal espacialidade, embora esteja inexoravelmente presente e visível, é percebida de forma distinta pelos alunos. Entender essa percepção pode nos auxiliar a entender como as estruturas espaciais estão organizando as socialidades que ali se desenrolam.

Nesse sentido, esse estudo foi realizado com 402 estudantes universitários com idade entre 18 e 44 anos, matriculados a partir do segundo semestre do período letivo da graduação. Foram aplicados formulários aos estudantes de forma individual, a partir de uma amostragem aleatória, incluindo 250 alunos do Setor Norte e 152 alunos do Setor Sul (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa (alunos de graduação do Campus Arthur Virgílio Filho da UFAM por faixa etária e gênero. (M=251; H=151).

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
18 – 22	115	213	328
23 – 27	23	26	49
28 – 32	8	7	15
Acima de 32	5	5	10
TOTAL	151	251	402

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

A maior parte dos participantes é do gênero feminino (62%), o que reflete uma tendência que se repete em outros estudos (KIM ;HA, 2015; DELA COLETA, 2006; INEP, 2015). A idade dos participantes desta pesquisa é de 18 a 40 anos, mas a grande maioria (81%) está na faixa de 18 a 22 anos de idade (Tabela 1). Destes, 188 (46%) estão no segundo período, 6% no terceiro, 4% no quarto, 0,49% no quinto, 18% no sexto, 12% no oitavo, 1% no nono, 3% no décimo e 0,24% no décimo segundo. Apesar dos cursos serem descritos como noturnos ou diurnos, entre os participantes desse estudo, 31% disse estudar majoritariamente no período diurno e 69% majoritariamente à noite. Vale ressaltar, no entanto que esses turnos variam substancialmente dependendo da disciplina a ser cursada, de forma que estes participantes são usuários do Campus tanto durante o dia quanto à noite. Ainda que formalmente os cursos se limitem a dois turnos no máximo, não é incomum encontrar estudantes com rotinas acadêmicas de 8 a 12 horas diárias.

Os participantes do estudo são provenientes de diversas áreas do conhecimento, definidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e aqui utilizadas para formar agrupamentos. As ciências sociais aplicadas apresentam o maior (37%) e as ciências biológicas o menor (1%) contingente (Tabela 2). Trinta e oito cursos distribuídos em 8 áreas do conhecimento foram representados nessa pesquisa (Tabela 2). Dentre eles estudantes de direito (55); ciências contábeis (50); física (30); psicologia (21); engenharia florestal (17); engenharia de produção (12); medicina, odontologia e enfermagem (12); linguística, letras e artes (17) e zootecnia (04).

Tabela 2 – Distribuição dos alunos de graduação do Campus Arthur Virgílio Filho da UFAM participantes da pesquisa distribuídos por área de conhecimento.

Área do conhecimento	N	%
Ciências exatas e da terra	72	18
Ciências biológicas	5	1
Engenharias	42	10
Ciências da saúde	37	9
Ciências sociais aplicadas	148	37
Ciências humanas	23	6
Linguística, letras e artes	22	6
Ciências agrárias	53	13
TOTAL	402	100

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Um formulário com perguntas abertas e fechadas foi aplicado aos estudantes para verificar suas percepções a respeito da espacialidade do Campus. Constaram questões sobre a adequação do Campus para a formação universitária; a localização; o acesso; a adequação arquitetônica para formação no curso; a beleza arquitetônica; a arborização; o cuidado paisagístico; o conforto físico nos ambientes externos e internos; a disponibilidade de lazer; espaços de contemplação; alívio do estresse; espaciosidade; segurança e poluição auditiva. As respostas foram dadas em forma de escala, variando de um, discordo totalmente, até 10, concordo totalmente. Esses itens foram elaborados especialmente para esse estudo, tendo em vista o caráter exploratório da pesquisa (Tabela 3). Utilizando estatística descritiva apontamos inicialmente as médias obtidas em cada umas das quinze questões.

Tabela 3 – Médias obtidas em relação das respostas dos estudantes considerando os aspectos da espacialização do Campus AVF/UFAM. (N=402)

Item	Média
O Campus tem uma arborização adequada.	8,58
No Campus tem espaço para todos transitarem sem confusão	7,84
O Campus é adequado para minha formação universitária	7,48
No Campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza	7,47
O Campus tem um cuidado paisagístico/jardim	7,26
A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	6,70
Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim	6,20
Os ambientes do Campus proporcionam conforto físico para mim	6,13
A arquitetura dos prédios onde estudo é bonita.	6,09
No Campus não tem poluição auditiva	6,06
A característica do Campus me permite aliviar o estresse do dia-a-dia	5,98
O Campus oferece espaço para eu sair da rotina acadêmica e me divertir	5,59
O acesso ao Campus é fácil para mim.	5,65
No Campus eu me sinto seguro	5,04
A localização do Campus influenciou minha decisão de estudar aqui.	3,84

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Nenhuma das médias foi inferior a 3, os maiores valores foram obtidos pelos itens relacionados a arborização e espaciosidade. Com exceção de um item, todos receberam notas acima da média na escala, e 6 estão próximos a 7 ou acima deste valor, o que

demonstra uma percepção de que o espaço do Campus é considerado adequado e bom. Há diferentes percepções quanto ao espaço interno e externo, itens que exploram a imagem do Campus fora dos corredores e salas, obtiveram as maiores pontuações, os itens representativos dos espaços interiores, obtiveram médias um pouco mais baixas. Outras percepções foram obtidas adentrando na escala através de estatística inferencial.

A escala foi analisada através de estatística descritiva e inferencial, a análise fatorial exploratória (AFE) foi aplicada quando se confirmou que os itens eram passíveis de fatorabilidade. Empregou-se o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), este índice aponta se a AFE é indicada para o conjunto de dados, variando de 0 a 1, valores abaixo de 0,50 são inadequados, entre 0,50 e 0,59, ruins, entre 0,60 e 0,69, medíocres, entre 0,70 e 0,79, medianos, entre 0,80 e 0,89, bons e de 0,90 a 1, excelentes (DAMÁSIO, 2012). O índice para esta pesquisa foi considerado bom, com 0,83. O teste de esfericidade de Bartlett verifica se há correlação suficiente entre as variáveis para proceder ao teste (HAIR et al., 2009). Com significância acima de 0,05 foi confirmada o uso da AFE para este estudo. Todos os dados foram trabalhados com auxílio dos softwares Excel e SPSS (*Social Package for Social Science*).

Com a estatística inferencial baseada na análise fatorial exploratória, emergiram três construtos (Tabela 4) e as cargas fatoriais (F1) subjacentes aos dados que denominamos respectivamente de, (1) espaço de *bem-estar*, (2) espaço *funcional seguro* e (3) *espaço de adequação estética*.

A análise dos componentes principais foi feita excluindo as variáveis com carga fatorial inferior a 0,30, desta feita, a variável acesso, na afirmação “A localização do Campus influenciou minha decisão de estudar aqui” foi excluída. Alguns itens se repetem nos construtos, com cargas fatoriais diferentes, dado que cada construto é um conjunto em si de dados interacionados.

Tabela 4 – Estrutura fatorial da escala de espacialidade do Campus.

Construto	Afirmações	F1
Espaço de Bem-estar	A característica do Campus me permite aliviar o estresse do dia-a-dia	,635
	O Campus oferece espaço para eu sair da rotina acadêmica e me divertir	,623
	Os ambientes do Campus proporcionam conforto físico para mim	,613
	Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim	,606
	No Campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza	,533
Espaço Funcional Seguro	A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	,583
	O Campus é adequado para minha formação universitária	,500
	No Campus eu me sinto seguro	,451
	Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim	,431
	No campus tem espaço para todos transitarem sem confusão	,407
Espaço de adequação estética	O Campus tem um cuidado paisagístico/jardim	,646
	O Campus tem uma arborização adequada.	,546
	A arquitetura dos prédios onde estudo é bonita.	,456
	No Campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza	,432
	A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	,400

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

O Campus como espaço de bem-estar

No constructo bem-estar estão agrupadas as respostas que mais valorizaram os aspectos de conforto físico, contemplação, lazer e alívio do estresse, especificamente as perguntas relacionadas ao alívio do estresse e contemplação. Aproxima-se à sensação de saudabilidade bem como de restauro da atenção, teorizadas por Kaplan e Kaplan (1989). Um espaço que é percebido como tal mostra que o usuário tem controle sobre o ambiente e distrações positivas influem para a diminuição de estresse (ULRICH, 1993; MALKIN, 1991). O controle sobre o ambiente significa, poder lidar com as pressões ambientais (temperatura, iluminação, ruído) e certo grau de autonomia, definidos em privacidade e controle do próprio tempo.

As distrações positivas são estímulos que não sobrecarregam os sentidos dos usuários dos espaços. Não se trata, portanto, de um espaço monótono, sem contato com o exterior, sem cores adequadas e iluminado artificialmente, que podem provocar estresse, reduzir a capacidade de atenção e concentração. Para esses alunos a atividade

acadêmica é geradora de estresse e a espacialidade do Campus oferece elementos atenuadores e restauradores desse estado psíquico. No entanto, a redução do estresse advém dos fatores agradáveis, tais como o conforto físico, cuja avaliação foi mediana (6,13).

O Campus como espaço funcional seguro

O construto funcionalidade agrega aspectos sobre a adequação do Campus às atividades do curso, adequação da arquitetura para a função acadêmica, conforto nos ambientes internos, espaciosidade e segurança. Funcionalidade é a adequação do projeto ao uso real, quanto maior a sensação de que os espaços são coerentes com as atividades ali desenvolvidas, maior a efetividade, eficiência e satisfação que este espaço parece proporcionar (MORAES, 2004). A efetividade é a extensão em que uma meta ou tarefa é alcançada. Se a tarefa, por exemplo, for proporcionar aos estudantes, um espaço abrigado do sol, com cadeiras e mesas e com acústica suficiente para um orador, então o espaço do campus é efetivo (BESSA, 2001; REIS, 2003; RIBEIRO, 2004). A eficiência é a quantidade de esforço que a pessoa investe para atingir uma meta, continuando o exemplo acima, se a sala é refrigerada, isolada acusticamente, com espaço para circulação, então é possível dizer que é mais eficiente para a atividade fim (desenvolvimento pessoal e profissional) que a sala que é apenas um abrigo (FIGUEIREDO, 2004; SOARES, 2000). A satisfação, o mais subjetivo dos aspectos, é o nível de conforto e aceitabilidade dos usuários ao espaço. Está relacionada a um menor nível de pressões ambientais, um ambiente tranquilo, onde se pode estudar sem grandes atribulações. A própria atividade acadêmica é vista como elemento de satisfação, através da percepção de progresso pessoal e profissional (AMADO, 2004; FIGUEIREDO, 2004).

O entendimento deste grupo é o que mais se aproxima da ideia original do projeto do Campus, e da ideia de uma arquitetura modernista, onde a forma prevalece em detrimento à função. Este construto estabelece que o estudo é a atividade principal e direcionadora do espaço do campus.

O Campus como espaço de adequação estética

O construto estético insere aspectos relativos à adequação do Campus às atividades do curso, beleza arquitetônica, cuidados paisagísticos, arborização e contemplação. O contexto atual de ambiências do Campus em que a arquitetura e o paisagismo têm papel significativo no processo de qualificação do espaço universitário, e é notado pelos estudantes universitários. O projeto base construído previa justamente essa adequação estética para uma universidade situada na Amazônia. O apelo ecológico é evidente e percebido pelos usuários como algo distinto e sobre ele as experiências são vividas (TUAN, 2013).

Alguns destes elementos coadunam com os resultados obtidos por Lynch (1960), espaços abertos, vegetação, contrastes visuais, são aspectos que dão um sentido de surpresa e beleza. Ainda que estejam ligados ao gosto de cada pessoa, estes elementos trazem familiaridade. Outro aspecto ligado à estética é o conforto visual, as cores, seu contraste e a capacidade de refletir luz, influem diretamente no nível de conforto percebido pelos usuários do espaço (MAHNKE, 1996). As cores que mais prevalecem no Campus são o branco, o cinza, e o verde, alguns tons de marrom provenientes das colunas originais em madeira ainda são encontrados. Estas cores trazem relaxamento, dentre estas, a cor mais apontada e percebida pelos participantes é o verde, ligado ao ambiente que circunda o Campus AVF.

Ter o Campus como espaço de beleza e cuidado paisagístico, assume maior importância para estes universitários. A arborização é o principal fator deste construto, a imagem de beleza do Campus é natural, é o olhar que se volta aos ambientes externos, os aprecia e os valora como fundamentais. Além disso, esses aspectos estéticos contribuem para a identidade de lugar, concepção que entende que a identidade não é desenraizada, é um processo dinâmico e mutável que ocorre ao longo da vida das pessoas a partir da criação de um cenário interno que proteja a auto identidade (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011). Nesse caso, o Campus reflete a identidade amazônica em termos de bioma e amplitude, tendo na rusticidade sua marca distintiva.

Considerações Finais

Não é somente o projetista e o construtor que moldam os espaços, as pessoas que o vivenciam o alteram e são alteradas por ele. O espaço e a pessoa determinam e são

determinados pelas relações sociais. Desta forma há que se considerar quando da definição e planejamento do espaço acadêmico universitário, outras dimensões além daquela limitada e limitante do estudo, desenvolvimento e formação. Não considerar dimensões psicológicas e sociais implica tornar a atividade acadêmica ainda mais estressante que o necessário. Tal negligência poderá resultar em outras consequências para a saúde mental e física dos estudantes.

A caracterização da espacialidade do Campus e da sociabilidade dos estudantes considerando os aspectos objetivos deste espaço é o foco deste capítulo. São destacados os aspectos relativos a organização do macro ambiente do Campus, ou espaço externo, como a ordem dos corredores, dos menores para os maiores, em uma lógica que é ao mesmo tempo clara para quem observa o traçado do Campus, mas, não é facilmente apreendida por quem o visita e não o frequenta costumeiramente. A ausência de vínculo entre o espaço e os estudantes é notada quando consideramos o microambiente, ou espaços internos, as marcas de vandalismo ou não preocupação com o próximo usuário, vistas, por exemplo, em banheiros e carteiras, exprimem sobremaneira essa desconexão.

A interação é importante e a comprovação está na adaptação que os estudantes realizam para poder desfrutar do espaço do Campus como lugar de aprendizagem e convivência. A interação informal entre os estudantes é observada nas salas de aula que não estão em uso, nos corredores e até mesmo no chão. A irreverência de uso para numa tentativa de transformar aquele espaço público em familiar mostra a apropriação temporária dos lugares para socializar de forma diferenciada daquela de somente ser estudante. A interação entre o estudante e o espaço do Campus, não se limita ao formal, mas aquele instituído na prática, nas atividades funcionais e sociais que emergem no dia-a-dia historicamente. Apesar da segregação óbvia dos diferentes cursos, os estudantes subvertem essa separação, tentando fazer do Campus um espaço com setores que, mesmo diferenciados, complementam a lógica do ambiente universitário, que é daqueles que lá estudam e fazem novas amizades, se divertem, e se encontram com outros que o visitam.

Há uma lógica definidora dos espaços do Campus, em primeiro lugar a funcionalidade, ou submissão dos espaços à finalidade maior da universidade, o ensino e pesquisa, e em segundo lugar o social, com definições hierarquizantes e definidoras das diferentes expressões por departamento. Essas lógicas se aproximam da conclusão obtida quando verificada a escala de espacialidade com seus três fatores.

O primeiro deles, bem-estar, elemento essencial para a familiarização das pessoas ao espaço, prescinde uma maior autonomia dos estudantes, no entanto, saber o limite

desta autonomia é complexo, envolvendo aspectos como maturidade, organização dos espaços e regras sociais. O bem-estar se beneficiaria de uma discussão acerca dos usuários e o espaço onde as atividades ocorrem. A segunda, estética, deve ser considerada para além da arquitetura e paisagismo. Por fim a funcionalidade que é observada como efetiva, mas desconsiderada quando se pensa em eficiência e satisfação. Desconsiderar estes elementos influencia diretamente no rendimento acadêmico, diminuindo assim o desenvolvimento dos discentes.

CAPÍTULO 2

CAMPUS UNIVERSITÁRIO: DE ESPAÇO A LUGAR NA VISÃO DOS ESTUDANTES

“A mente é um lugar em si mesma, e em si mesma pode fazer do céu um inferno, e do inferno, um céu.”

John Milton

Introdução

As atividades humanas necessitam de espaços específicos para que possa ocorrer sua fruição, e as instituições são lugares onde a pessoa atua de acordo com a função a ela destinada pela sociedade. A universidade é uma dessas instituições na sociedade industrializada contemporânea. A universidade é uma instituição acadêmica cujas funções agregam educação superior e pesquisa. Nesse espaço as pessoas buscam esse fim em primeira instância. Para isso, as atividades acadêmicas universitárias possuem necessidades de uma estrutura espacial demarcados com funções subordinadas à função social da universidade (FISCHER, s/d.). Segundo o autor, os prédios podem ser caracterizados como estrutura fixa, que junto com as estruturas semifixas, mobiliários e equipamentos, fazem da instituição universidade um ambiente ordenado para tal uso.

Essas estruturas espaciais carregam em sua materialidade significados e valores que são produzidos e reproduzidos pela sociedade que a criou e a utiliza. Há, portanto, uma unidade implícita e explícita da espacialidade com a socialidade que dela e nela ocorre. O espaço físico é aspecto da subjetividade dirigida àquele usuário para o qual foi planejado. Dessa forma, as necessidades funcionais devem estar inexoravelmente atreladas às necessidades socioculturais do usuário. Conforma-se assim que os aspectos materiais e simbólicos são elementos indissociáveis das relações entre pessoa e ambiente, seja ele natural ou construído (FISCHER, s/d.). Pode-se compreender uma sociedade na forma como ela estrutura suas instituições, cuja materialidade manifesta a estrutura social que a criou e que a mantém. Dessa forma, compreender o ambiente universitário, há que se incluir a dimensão física que sedia os eventos sociais.

Nesse capítulo faz-se uma leitura psicossocial desse espaço universitário, tendo como lócus o Campus Universitário Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Embora esse Campus seja mais recente que a própria UFAM, é um espaço representativo da antiga Escola Universitária Livre de Manaus, uma das universidades mais antigas do Brasil. O Campus projetado por Severiano Porto, se destaca pela ousadia do arquiteto que o projetou de forma a se inserir como um aspecto da floresta amazônica. Considerando tais aspectos físicos e socioculturais, a leitura que aqui se faz é para compreender aspectos da socialidade que nela se exprime, tendo como enunciados principais as declarações dos estudantes que frequentam este espaço.

O ambiente físico e percepção

Todo ambiente físico é de alguma forma percebido pela pessoa, e tal percepção depende tanto dos filtros socioculturais quanto da história pessoal de cada um. Perceber não é somente descrever a forma, cor ou tamanho de um objeto ou local. Também se insere neste fenômeno outros fatores como a experiência do indivíduo com o objeto ou local sendo percebido (STERNBERG, 2000). Inicialmente entendida como uma reação aos estímulos, a percepção foi expandida para uma relação em que o ser que percebe também insere seus valores, significados, preferências e cognição no que está sendo percebido.

Quando essa percepção como fenômeno mais amplo é direcionada ao entorno ambiental, temos na literatura o termo conhecido como Percepção Ambiental (PA). A Percepção Ambiental foi pensada inicialmente por James Gibson, a partir da Teoria Ecológica que considera que a percepção é o produto da atuação dos sentidos para com o a realidade visando extrair informações do ambiente. A PA possui ainda um histórico vindo da teoria probabilística formulada por Egon Brunswick, a qual estabelece uma relação de causa e efeito, onde a realidade está presente fora do indivíduo, no entanto, este ao perceber a altera.

A PA recebeu também contribuições teóricas importantes, como a fenomenologia de Merleau-Ponty. Em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (2007) afirma que o homem percebe o mundo a partir do que ele é, de suas preferências e experiências acumuladas. Outro importante representante da fenomenologia do espaço foi Bachelard (s/d) que escreveu o livro seminal “Poética do Espaço”, dando luz

principalmente às subjetividades manifestadas a partir da construção do espaço que o ocupante habita. Na geografia humanística, as obras de Yu-Fu Tuan (2013) ganharam grande destaque para a subjetividade presente na relação com a materialidade do espaço. Outra influência no campo da PA veio da escola transacional onde a realidade é resultado da percepção, o indivíduo e o ambiente estão existindo como elementos únicos e inter-relacionados (MOSER, 2005).

A PA é entendida como o fenômeno que envolve o modo como o indivíduo vivencia os aspectos ambientais da relação com o seu entorno, considerando os processos históricos, socioculturais e psicossociais (ITELLSON, 1978). O autor diz que com isto é permitido que a pessoa perceba, avalie e aja considerando o ambiente físico e social. O processo mental que descreve a PA envolve três (percepção, cognição e avaliação) das cinco etapas descritas abaixo (DEL RIO, 1991):

- **Motivação:** Para Del Rio toda percepção depende de motivação, de interesse em interagir com o ambiente;
- **Percepção:** Interação com ambiente de forma transacional, principalmente pela visão. Importa citar a diferença entre campo visual e mundo visual (GIBSON, 1974), o primeiro refere-se ao limite dos sentidos, a percepção através e em resposta aos estímulos do ambiente, já o mundo visual é o campo visual acrescido de aspectos subjetivos. Sendo assim não limitado a experiência sensorial;
- **Cognição:** O sistema de *inputs* e classificação das informações oriundas da fase anterior envolve julgamento pelo indivíduo que por sua vez está sujeito a filtros oriundos de sua própria experiência de vida;
- **Avaliação:** O processo de julgamento, que deriva em preferências ambientais, também envolve as expectativas do indivíduo;
- **Conduta:** O componente final para a formação de opinião, de forma mais ou menos independente, também incluem as imagens mentais e atitudes.

As percepções ocorrem inevitavelmente a partir das vivências das pessoas nos mais diversos lugares. De forma geral, esses lugares, a partir de uma leitura da Psicologia Social do Ambiente, podem ser divididos em institucionais, de trabalho, de residência e sociais paralelos (FISCHER, s.d.). Em cada um desses lugares, a PA pode ser aplicada como forma de entendimento da relação pessoa-ambiente e contribuir no entendimento

da subjetividade atrelada materialidade do ambiente em que uma pessoa se situa e desenvolve suas atividades cotidianas, seja nas relações familiares, institucionais ou de trabalho.

Vários aspectos físicos nos ambientes de uso das pessoas possuem influência no comportamento das pessoas. Nos ambientes de trabalho, por exemplo, Kaplan (1993) se debruça para mostrar a importância da natureza no contexto dos escritórios. O autor afirma que visualizar a natureza, mesmo que através de uma janela, por exemplo, ou de plantas, traz benefícios para a saúde e boa performance dos funcionários. Larssen (1998) pesquisou a respeito do efeito das plantas nos ambientes de trabalho e confirmou essa influência positiva da natureza nas pessoas. Sousa (2015), por outro lado, avaliou o ambiente de trabalho num campus com grande densidade de plantas, numa área considerada de fragmento florestal e encontrou entre os trabalhadores a percepção da natureza nesse ambiente como aspecto restaurativo, esteticamente agradável, ainda que com eventuais riscos.

No escopo deste trabalho, o campus universitário não se configura como instituição de trabalho, mas de estudo onde os discentes atuam para a formação de sua profissão. O estudo feito por Kim e Ha, (2015) em 28 *campi* na cidade Seoul na Coreia do Sul, é importante, pois apresenta fatores que afetam a imagem do campus. Estes fatores de acordo com os autores incluem não só aspectos visuais, mas também interações sociais e a existência de ambientes naturais. Nesse estudo, os discentes que estavam em *campi* esteticamente mais agradáveis usavam maior variedade de espaços e os *campi* vistos como mais agradáveis apresentam maior fluxo de pessoas, implicando maior uso destes espaços. Os fatores que os estudantes apontaram como de maior importância para a percepção positiva do ambiente foram os arquitetônicos, a presença de lugares de interação social e a existência de áreas naturais.

Albuquerque (2015), em estudo realizado em duas universidades em regiões distintas do Brasil, Norte e Sul, conclui que as experiências culturais e as intencionalidades dos indivíduos dessas regiões com culturas específicas exercem influência sobre o modo de perceber o ambiente. Suas outras conclusões são as de que os espaços esteticamente trabalhados promovem maior percepção de restauro psicológico e que a existência de elementos naturais por si só não potencializa o restauro, mas são as possibilidades de interação percebidas com estes locais que podem garantir o benefício.

Considerando os pressupostos teóricos apresentados à luz da Psicologia Ambiental e da Percepção Ambiental, na constituição dos caracteres que garantem maior

qualidade de vida dos espaços acadêmicos, é que se percebe a importância do tema proposto. A análise da percepção e valoração dos lugares neste campus são apresentados nas próximas seções.

Campus Universitário Arthur Virgílio Filho - UFAM

Atualmente a UFAM registra um número de vinte mil alunos distribuídos em 96 cursos de graduação e 6 *campi*. Aqui focamos nosso olhar para um campus específico, que se confunde com a própria universidade. A obra do Campus pode ser descrita como gigantesca pela dimensão do espaço. Apesar da universidade ter sido criada em 1909 (a primeira instituição de ensino superior do Brasil), as obras foram iniciadas em 1973 e em 1986 os primeiros prédios foram sendo ocupados por alguns cursos. O terreno onde foi construído o Campus AVF foi doação do governo do estado na década de 1970. Na época, esta região era o limite da cidade, então seguia o ideal do campus no modelo americano, um espaço isolado, idílico, longe da vida urbana (PINTO; BUFFA, 2009). No entanto, esta configuração viria a mudar muito rapidamente nas décadas de 1980 com a expansão da Zona Franca de Manaus e seu distrito industrial. Pelo fato da localização do Campus ser contíguo ao Distrito Industrial, a ocupação de áreas próximas passou a ser um evento incontável pelo Estado. Aquela floresta inicial passou a ser um fragmento florestal urbano.

O Campus foi instalado num fragmento florestal de 6,7 milhões de quilômetros quadrados, o terceiro maior fragmento verde em área urbana do mundo e o primeiro do Brasil, no entanto a área construída corresponde a 35% do projeto original. Muito do entorno desse fragmento florestal foi sendo ocupado por moradores que instalaram os bairros mais adensados de Manaus. Para conter essa ocupação a área do campus passou a ser delimitada como parte de uma grande Área de Proteção Ambiental (APA)⁵.

O Campus AVF é uma ilha verde na adensada área leste da cidade e se divide em dois setores, o Setor Norte e o Setor Sul.⁶ Os dois setores são interligados por uma estrada

⁵ APA UFAM, INPA, ULBRA, LAGOA DO JAPIIM, ELIZA MIRANDA e ACARIQUARA, criada pelo Decreto Municipal N.1503 de 27/03/2012. Esta Unidade de Conservação reúne 759,15 ha formados por diversos fragmentos florestais urbanos.

⁶ O Setor Norte comporta o Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Computação (IComp), Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), Faculdade de Direito (FD), Faculdade de Tecnologia (FT), Faculdade de Estudos Sociais (FES), Faculdade de Educação (FACED), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Faculdade de Artes (FAARTES) e Faculdade de Letras (FLet). No Setor Sul estão a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF), Faculdade de

asfaltada que percorre o relevo de platô, outro, e por este motivo apresenta certa sinuosidade (Figura 1). Essa configuração em camadas, a cidade, a floresta e o Campus, que torna este local um exemplo distinto de espacialidade.



Figura 10 – Campus da Universidade Federal do Amazonas.
Fonte: Google Earth (2018)

O acesso ao Campus AVF é feito por uma via de muito movimento de veículos, caminhões e ônibus a qual que interliga o Distrito Industrial e a Zona Leste da cidade. A maior parte dos estudantes usa como meio de transporte o ônibus, cujas linhas favorecem esse deslocamento.⁷ (Figura 2).

Psicologia (FAPSI), Faculdade de Ciências Farmacêuticas, (FCF), e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

⁷ Algumas linhas de ônibus ligam os setores e o campus às outras regiões de Manaus. As linhas que possuem estação no Campus, são as de número 616, que liga o Campus ao Terminal de Integração Viária da Cachoeirinha (T2); a linha de número 125 que integra o Campus ao Centro da cidade, integrando-se ao Terminal de Integração 1 (T1). As linhas de número 352 e 002, não possuem estação no Campus e não disponibilizam a gratuidade, a primeira linha integra o Campus com os Terminais 3 e 4 (T3 e T4) na Zona Norte da cidade e a segunda denominada Circular, percorre a Região Oeste. Além destas quatro linhas viárias, uma quinta, denominada Integração, percorre o Campus fazendo paradas nos Setores Norte, Sul, e no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). A linha de Integração é totalmente gratuita.

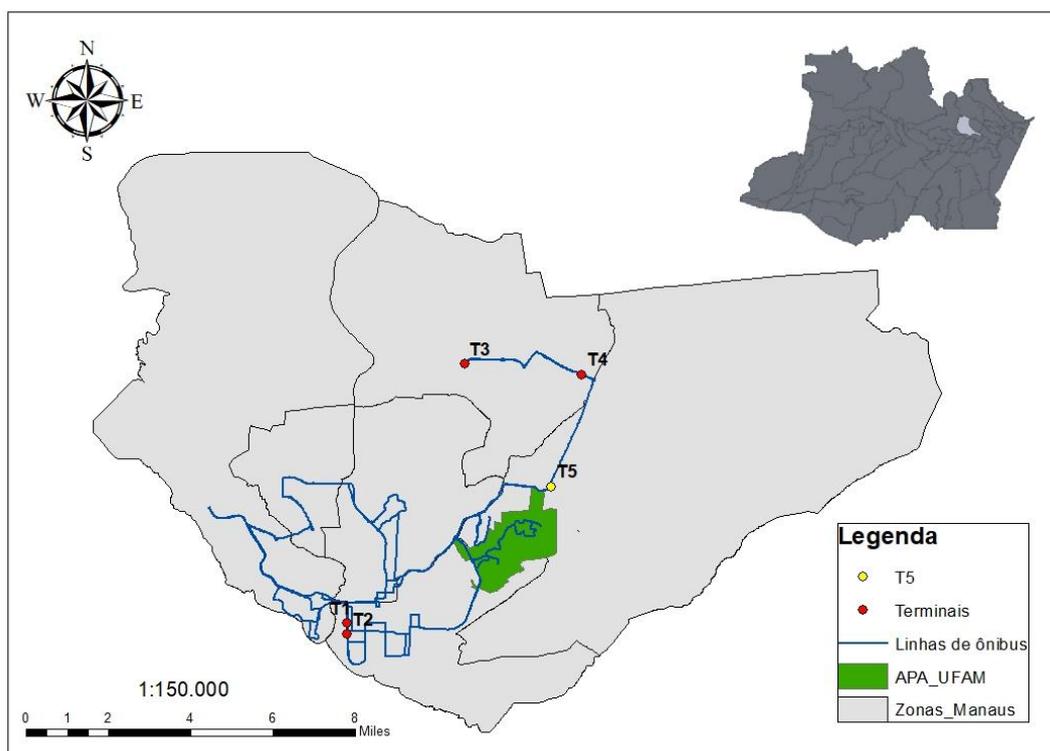


Figura 11 – Acesso ao Campus Arthur Virgílio Filho – UFAM através do modal rodoviário urbano.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os alunos dispõem de um sistema de bilhetagem eletrônica que permite a utilização de até dois trajetos no intervalo de duas horas ao preço de uma passagem. No entanto, estas conexões nem sempre são rápidas e exigem, em muitos casos, esperar em locais desprotegidos das intempéries do tempo amazônico (chuvas e sol ardente), e mais recentemente estar à mercê de criminosos que assaltam os alunos em busca de dinheiro, celulares ou até computador.

Na pesquisa conduzida, observou-se que a maioria dos estudantes utiliza o modal de transporte coletivo urbano (57%), seguido do modal de carro (33%), as outras opções, a pé, de bicicleta, e de moto, apresentaram resultados abaixo de um por cento, por fim, a opção bimodal, em que o participante apresentava duas opções foi a terceira maior (6%), os participantes que escolheram bimodal, marcaram usar carro e ônibus, em resumo, considerando a localização do Campus, as outras opções mostram-se inviáveis, exceto pela moto, que mesmo assim apresentou relevância muito baixa.

Por fim, a maior parte dos estudantes dessa pesquisa dizem se deslocar diretamente de suas casas (82%) para o Campus. Estas informações servem como ponto

de partida para análises sobre perfil dos estudantes universitários, no Brasil e especialmente na região amazônica.

Percepção dos universitários sobre a espacialidade do Campus AVF

Nesse espaço físico os estudantes estão inseridos para cursarem uma formação superior. Tal espacialidade, embora esteja inexoravelmente presente e visível, é percebida de forma distinta pelos alunos. Entender essa percepção pode auxiliar a entender como as estruturas espaciais estão organizando as socialidades que ali se desenrolam.

Nesse sentido, esse estudo foi realizado com 402 estudantes universitários (M=251; H=151) com idade entre 18 e 44 anos, matriculados a partir do segundo semestre período letivo da graduação. Foram aplicados formulários aos estudantes de forma individual, a partir de uma amostragem aleatória, incluindo 250 alunos do Campus Setor Norte e 152 alunos do Campus Setor Sul (Tabela 1).

Tabela 5 – Distribuição dos participantes da pesquisa por faixa etária e gênero.

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
18 – 22	115	213	328
23 – 27	23	26	49
28 – 32	8	7	15
Acima de 32	5	5	10
TOTAL	151	251	402

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

A maior parte dos participantes é do gênero feminino (62%), o que reflete uma tendência que se repete em vários países (KIM; HA, 2015; DELA COLETA, 2006; INEP, 2015). A idade desses participantes é de 18 e a 40 anos, mas a grande maioria (81%) está na faixa de 18 a 22 anos de idade. Destes, 188 estão no segundo período (46%), 6% no terceiro, 4% no quarto, 0,49% no quinto, 18% no sexto, 12% no oitavo, 1% no nono, 3% no décimo e 0,24% no décimo segundo. Apesar dos cursos serem descritos como noturnos ou diurnos, entre os participantes desse estudo, 31% disse estudar majoritariamente no período diurno e 69% majoritariamente à noite. Vale ressaltar, no entanto esses turnos variam substancialmente dependendo da disciplina a ser cursada, de forma que estes participantes são usuários do campus tanto durante o dia quanto à noite. Ainda que

formalmente os cursos se limitem a dois turnos no máximo, não é incomum encontrar estudantes com rotinas acadêmicas de 8 ou 12 horas diárias.

Os participantes do estudo são provenientes de oito áreas do conhecimento, porém sendo as ciências sociais aplicadas como o maior contingente 37% e as ciências biológicas com o menor contingente, ou seja 1% (Tabela 2). Trinta e oito cursos foram representados nessa pesquisa, sendo estudantes de direito (55); ciências contábeis (50); física (30); psicologia (21); engenharia florestal (17); engenharia de produção (12); medicina, odontologia e enfermagem (12); linguística, letras e artes (17) e zootecnia (04);.

Tabela 6 – Distribuição dos alunos por área de conhecimento.

Área do conhecimento	N	%
Ciências exatas e da terra	72	18
Ciências biológicas	5	1
Engenharias	42	10
Ciências da saúde	37	9
Ciências sociais aplicadas	148	37
Ciências humanas	23	6
Linguística, letras e artes	22	6
Ciências agrárias	53	13
TOTAL	402	100

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Um formulário com perguntas abertas foi aplicado aos estudantes para verificar suas percepções a respeito da espacialidade do Campus AVF. Para a primeira questão utilizou-se da técnica de associação livre de palavras, “Cite três palavras das sensações que o Campus lhe transmite” de forma que o componente central do pensamento da pessoa pudesse ser acessado, desconsiderando a desejabilidade social da resposta ou até mesmo a consciência (AZEVEDO, 2013). A segunda questão “Qual o lugar do Campus que você mais gosta? Por quê?” tem sua negativa “Qual o lugar do Campus você menos gosta? Por quê?” na sequência, como terceira pergunta. Estas questões sofreram tratamento utilizando a análise de conteúdo como técnica (BARDIN, 2016). Inicialmente perpassando todas as respostas através de uma leitura flutuante, seguida da definição do conjunto das respostas em unidades de significação, derivando em categorias. Estas são exaustivas, por terem todas as unidades de registro sido classificadas em alguma categoria e exclusivas, já que cada unidade de registro se enquadra em apenas uma categoria. Estas

então foram validadas externamente com o auxílio de outros pesquisadores, que atuaram como juízes analisando as respostas e as categorias associadas a elas, e confirmando a sua coerência (BARDIN, 2016).

As sensações que o Campus transmite

As sensações que o Campus transmite são diversas entre os participantes dessa pesquisa. Apenas 4% dos estudantes não responderam esta questão, já os demais 96% mencionaram diferentes tipos de sensações usando um total de 825 palavras. Considerando a recomendação feita por Azevedo (2013), foram retiradas as palavras que apresentaram 4 ou menos citações, restando assim 57 palavras (Tabela 3). Observou-se que algumas destas palavras poderiam ser agrupadas por significado, após este agrupamento restaram 27 palavras, divididas em 825 citações.

Considerando a palavra “fome” como ponto de corte, ou seja, o ponto que divide ao meio esta ordem crescente de frequência de palavras, percebe-se que na metade superior da tabela, 7 entre 12 sensações descritas são negativas, desta forma, estas podem ser consideradas, além de mais frequentes, mais diversas em seus significados. Desta forma, para o estudante do Campus, definidos na amostra desta pesquisa, as sensações negativas são mais claramente definidas que os benefícios. Estes se apresentam mais diluídos em maior diversidade de significados.

Tabela 7 – Palavras e frequências obtidas por associação livre em relação às sensações que o Campus AVF transmite a estudantes universitários.

Palavras	Frequência	%
Tranquilidade	196	24
Estresse	131	16
Bem-estar	72	9
Insegurança	57	7
Cansaço	56	6,7
Estudo	41	5
Desconforto	38	4,6
Sono	32	3,8
Liberdade	29	3,5
Conforto	27	3,2
Irritação	22	2,6
Tristeza	16	2
Fome	11	1,3
Gratidão	11	1,3
Segurança	10	1,2
Tédio	10	1,2
Amizade	9	1
Natureza	9	1
Satisfação	8	1
Esperança	7	0,8
Determinação	5	0,6
Distração	5	0,6
Entusiasmo	5	0,6
Motivação	5	0,6
Orgulho	5	0,6
Isolamento	4	0,4
Sabedoria	4	0,4
TOTAL	825	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2018. Elaborada neste estudo.

Foi feita também a divisão das palavras já agrupadas por valência, positiva ou negativa, de forma que se pudesse observar mais claramente esta divisão de sensações (Tabela 4 e 5).

Tabela 8 – Palavras com valência positiva e frequências absolutas obtidas por associação livre em relação às sensações que o Campus AVF transmite a estudantes universitários.

Palavras	Frequência Absoluta
Tranquilidade	196
Bem-estar	72
Estudo	41
Liberdade	29
Conforto	27
Gratidão	11
Segurança	10
Amizade	9
Natureza	9
Satisfação	8
Esperança	7
Determinação	5
Entusiasmo	5
Motivação	5
Orgulho	5
Sabedoria	4
TOTAL	443

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Tabela 9 – Palavras com valência negativa e frequências absolutas obtidas por associação livre em relação às sensações que o Campus AVF transmite a estudantes universitários.

Palavras	Frequência Absoluta
Estresse	131
Insegurança	57
Cansaço	56
Desconforto	38
Sono	32
Irritação	22
Tristeza	16
Fome	11
Tédio	10
Distração	5
Isolamento	4
TOTAL	382

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

As palavras com valências positivas foram mais frequentes, com 443 citações e mais diversas, com 16 termos diferentes, demonstrando que os participantes entendem

uma maior gama de sensações positivas oriundas de suas vivências no Campus. Já os termos com valência negativa foram relativamente menos frequentes (382) e menos diversos (11) que os de valência positiva.

No entanto, todos os estudantes ao manifestarem suas sensações atribuem tanto aspectos negativos quanto positivos. Constatou-se que 53% concentram suas sensações mais positivas e 47% mais negativas. Esse resultado permite inferir que tais sensações são diversas e podem estar atreladas tanto a um determinado tempo cronológico de suas vivências no Campus, quanto um espaço em que tal sensação se manifesta.

Como tempo cronológico pode-se inferir que um estudante esteja com fome por estar muito tempo naquele local sem se alimentar, ou se sentir inseguro pelo fato de estar no Campus no período noturno, ou ainda se sentir confortável pelo fato de estar em sala de aula com ar condicionado. Como espaço poderia significar estar isolado num prédio distante dos demais, ou cansaço por ter caminhado longa distância, ou ainda se sentir em liberdade, por estar num lugar aberto e amplo. Todas essas inferências, no entanto, não podem ir além dessa análise de frequência, uma vez que necessita de um estudo mais aprofundado para compreender tais sensações e contextualiza-las no tempo e no espaço do campus.

Os lugares do Campus

O Campus inclui uma multiplicidade de lugares e vivências que os estudantes dizem mais gostar, de forma que esses lugares são percebidos a partir da atividade ali ocorrida. Um mesmo lugar pode ter sentimentos contrários, dependendo do seu usuário e de suas expectativas e experiências ali postas. Entre os estudantes, 79% deles justificam mais gostar do lugar apontado a partir do tipo de atividade ali desempenhada, ou seja, a) pela possibilidade de refúgio pessoal, b) pela possibilidade de contemplação e lazer, ou c) pela possibilidade de poder estudar de forma produtiva.

A primeira categoria, refúgio refere-se aos lugares considerados restauradores, confortáveis, seguros, familiares e em que é possível alimentar-se. Um lugar restaurador permite a renovação da atenção direcionada, reduzindo a fadiga mental (ALVES, 2011). Uma outra característica é a introspecção, estes locais permitem isolamento. Como exemplos foram apontadas salas de aula, gramados, restaurantes e lanchonetes, e as trilhas na floresta. Lugares confortáveis foram assim considerados por diminuírem as pressões

ambientais, principalmente as relacionadas as temperaturas, também são considerados locais limpos e possuidores de equipamentos que permitam o descanso. São exemplos as salas de aula, a reitoria, os restaurantes e laboratórios. Não há dissociação entre lugares confortáveis e seguros, sendo a segunda característica elemento básico para a existência da primeira, lugares seguros são lugares construídos, com presença de pessoas e menos afastados dos corredores centrais de cada unidade. Lugares apontados como seguros são as salas de aula, restaurantes e corredores centrais. Um lugar familiar é aquele dotado de identidade de grupo e pertencimento, são familiares os departamentos de cada unidade, suas salas e coordenações, alguns participantes consideram familiar uma área mais abrangente, como os Setores Norte e Sul, e apenas um participante considerou o Campus como uma unidade, denotando a fragmentação identitária do Campus.

Na segunda categoria relativa aos locais de Contemplação/lazer são lugares que possuem manifestações artístico-culturais, esportivas, lúdicas e são esteticamente aprazíveis. A característica de manifestação artístico-cultural pode ser derivada de um local de realização de eventos, a exemplo do Centro de Convivência, ou de um local percebido como artístico por sua própria função, como o Bloco de Artes e a Sala de Cerâmica. As categorias esporte e ludicidade, são semelhantes, embora a primeira apresenta maior nível de formalidade, geralmente derivados de eventos como os jogos esportivos do Campus, ou disputas previamente anunciadas entre times nas quadras e campos. A ludicidade é mais informal, referindo-se aos jogos mais simples, geralmente com cartas ou peças, disputados nos lanches, centros acadêmicos e no Centro de Convivência. A característica esteticamente aprazível compreende as paisagens naturais, espaços abertos, e locais que permitam interação com a natureza, são exemplos diretos, o campo da FEEFF, Centro de Convivência e as trilhas na floresta.

A terceira categoria estudo é claramente descrita já em seu nome, no entanto não se limita a orientação clássica do estudo em sala de aula, também compreende as atividades práticas e seus locais de ofício e suporte. Além das salas de aula, foram citados os laboratórios, os prédios dos departamentos, os centros acadêmicos, as bibliotecas e salas de estudo.

Os lugares no Campus que os estudantes menos gostam, são definidos por uma insatisfação em desempenhar a atividade que ali deveria ser executada. 73% dos

estudantes responderam a esta questão. E estas respostas foram definidas em três categorias, a) o desconforto, b) estresse e c) perigo/insegurança.

A categoria desconforto inclui desserviço, falta de higiene, distância, falta de estrutura, desconforto estético, desconforto sonoro e desconforto físico. O desserviço é entendido como a ausência de serviço ou a má execução deste, não necessariamente envolvendo falta de materiais ou estrutura. Os lugares mais citados foram o Restaurante Universitário, banheiros, agências bancárias e reprografia. A falta de higiene comporta dois focos, hábitos insalubres e falta de limpeza, os hábitos insalubres citados foram o consumo de drogas lícitas e ilícitas, especialmente o cigarro. Os lugares considerados insalubres foram os banheiros, blocos abandonados, campo da FEEF e IFCHS. Os lugares não limpos são os banheiros e o Restaurante Universitário. A falta de estrutura envolve a ausência de materiais e equipamentos. Foram citados os banheiros, as estradas e os laboratórios. O desconforto estético em sua maioria compreende a ausência de cores, ou a predominância de cores neutras como o cinza, uma percepção de incoerência e falta de padronização entre algumas edificações e poluição visual. Os lugares citados foram o IFCHS, os arredores da FES e o Setor Sul. O desconforto sonoro é derivado da conversação, geralmente em locais muito frequentados como o Centro de Convivência, IFCHS e restaurante universitário ou blocos utilizados por mais de um curso, como o Bloco C, utilizado pelos cursos de educação física e fisioterapia. O desconforto físico é proveniente de duas fontes, uma falta de mitigação das pressões ambientais, principalmente o calor e mosquitos e ausência de equipamentos de descanso como cadeiras e bancos ou a falta de ergonomia destes. Os locais mais citados foram as paradas de ônibus, corredores, lanchonetes e salas de aula.

A categoria estresse se refere ao desconforto psicológico, são caracteres desta o apinhamento e a falta de familiaridade. O apinhamento não necessariamente se refere ao tamanho do espaço, mas a percepção deste (TUAN, 2013). É comum observar alunos descansando em pares ou trios nas salas de aula, no entanto, assim que uma pessoa diferente do grupo original adentra o lugar, imediatamente baixa-se o tom de voz, e instala-se um particionamento daquele espaço, mesmo que a sala possa comportar 40 pessoas. São locais apinhados, a parada de ônibus, o Restaurante Universitário, e o Centro de Convivência. A falta de familiaridade é derivada do apego aos lugares de vivência mais próximas dos alunos. A menor unidade identitária espacial do Campus é o departamento acadêmico, desta forma, quanto mais distante o aluno do seu departamento,

mais não familiar lhe soará o outro lugar. Este apego ao lugar se manifesta principalmente na dimensão relacional (ELALI; MEDEIROS, 2013).

A categoria perigo/insegurança comporta, o medo relacionado a hostilidade derivada de outras pessoas, através de assaltos e os riscos percebidos como provenientes da floresta que circunda o Campus. Os locais percebidos como mais perigosos são as paradas de ônibus, o estacionamento, os corredores mais afastados, este perigo intensificado no período noturno. Os locais percebidos como mais arriscados pela possível presença de cobras, aranhas e cachorros são a Faculdade de Tecnologia e os corredores mais afastados.

Considerações Finais

O objetivo deste capítulo foi elencar as formas de uso social dos espaços do Campus AVF no cotidiano dos usuários do mesmo. Duas conclusões puderam ser apreendidas após análise das respostas. A primeira acerca do caráter não dicotômico do Campus, e a segunda sobre suas diversas facetas.

O Campus, ainda que se questionado de maneira dual, não se apresentará desta forma, o mesmo espaço que isola um, agrega outros, que enoja alguns, também satisfaz. Os adjetivos encontrados apontam que o campus é mais facilmente definido em suas mazelas, no entanto é mais diverso em suas benesses.

Por fim ainda que o Campus AVF tenha sido planejado como uma corrente, onde os corredores menores unem-se a outros em direção ao corredor central, como os rios que se congregam até formar o rio Amazonas e desaguar no oceano. No entendimento do projetista o Campus seria um fractal, onde as unidades menores, as salas, são idênticas, ainda que em menor escala, as maiores, os Setores Norte e Sul, seguindo um padrão e lógica próprios. No entanto o que se observa é a fragmentação do Campus em diversos lugares com significados os mais variados possíveis, é desta forma, fragmentado e polissêmico que se consegue observar o Campus em sua melhor aproximação da realidade.

CAPÍTULO 3

BEM-ESTAR SUBJETIVO DE ESTUDANTES: UMA PERSPECTIVA RELACIONAL COM O CAMPUS UNIVERSITÁRIO

“A melhor universidade é a felicidade de viver.”

Alexander Pushkin

Introdução

A felicidade é importante, ela é sempre um objetivo final, de forma que as pessoas não aspiram a ela afim de atingir outros objetivos. As ações das pessoas são motivadas pela expectativa de um incremento no nível de felicidade (VEENHOVEN, 1988; ROJAS, 2014). Ao adquirir uma perspectiva científica a felicidade passa a ser denominada bem-estar subjetivo (BES).

As interações entre BES e o ambiente natural ou construído, são objetos de diversos estudos em diferentes perspectivas; climática (ALEM; COLMER, 2015); espaços verdes urbanos (BERTRAM; REHDANZ, 2014); estrutura urbana (BROWN et al., 2015). O BES em estudantes, foi analisado em diversas situações e contextos no Brasil. Os estudos de Dela Coleta e Dela coleta (2006; 2012) e Bello e Guerra (2018), apresentam os componentes do BES considerando valores, satisfação com a vida e o contexto sociodemográfico, no entanto, a relação entre o BES e o espaço do campus universitário é área não explorada.

Entender o que fomenta o BES em estudantes universitários a partir da perspectiva do espaço onde se realizam suas atividades, permite compreender como os estudantes valoram este espaço e como este por sua vez permite o incremento de BES. Outro benefício de estudar esta relação é a projeção dos condicionantes ambientais do campus para a cidade, já que o primeiro é pensado como uma pequena cidade.

Nesse capítulo faz-se uma análise essencialmente quantitativa sobre o espaço universitário, tendo como lócus o campus universitário Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas- UFAM. Embora esse campus seja mais recente que a própria UFAM, é um espaço representativo da antiga Escola Universitária Livre de

Manáos, uma das universidades mais antigas do Brasil. O campus projetado por Severiano Porto, se destaca pela ousadia do arquiteto que o projetou de forma a se inserir como um aspecto da floresta amazônica.

Bem-estar subjetivo

Falar em bem-estar subjetivo faz paralelo com felicidade. A felicidade em uma perspectiva histórica é baseada em duas premissas excludentes: uma extrínseca e outra intrínseca. A premissa extrínseca faz crer ao indivíduo que a felicidade está além de si, em eventos e conquistas externas à sua pessoa. Exemplo desta perspectiva é o hedonismo, com o aumento dos bons e diminuição dos maus momentos da vida. A perspectiva intrínseca entende que o indivíduo deve trabalhar a si mesmo de modo a conquistar a felicidade. Como exemplo, Sêneca que diz que feliz é a alma livre que desdenha da sorte e contenta-se com a virtude (GRAZIANO, 2005).

É a partir desta segunda perspectiva que se efetua a aproximação entre felicidade e bem-estar subjetivo. Bem-estar subjetivo é entendido como a avaliação tanto cognitiva quanto afetiva que uma pessoa faz da própria vida, incluindo experiências emocionais agradáveis, baixos níveis de humor negativo e alta satisfação em relação à vida. (DIENER, 1984; DIENER, et al., 2002). O bem-estar subjetivo é um conceito derivado da Psicologia Positiva, campo da Psicologia que estuda as forças e virtudes próprias do indivíduo (SHELDON; KING, 2001). Entra no bojo dessa definição não apenas sentimentos e emoções, mas também racionalidades que estão invariavelmente presentes no objetivo final a felicidade humana (SELIGMAN, 2008; COSTA, 2007).

Segundo Costa (2007), o bem-estar subjetivo é possível ser acessado a partir das percepções que a pessoa faz sobre determinadas situações que repercutem em seu estado psicossocial, tais como: (a) estar no controle de sua vida; (b) estado em função de eventos e (c) traço classificatório de determinado evento ou situação.

Estar no controle de sua vida remete à conceituação que mais se aproxima da eudaimonia. A felicidade é resultado de uma vida repleta de atividades de *flow* ou fluxo, momentos de ação sem esforços experimentados no que se poderia chamar de melhores momentos da vida. O *flow* também se caracteriza pela existência de uma continuidade e um esquecer-se de si mesmo. Desta forma, a felicidade seria vivida quando um indivíduo se sente em desenvolvimento. Deriva desta construção teórica a noção de felicidade

aprendida (CSIKSZENT, 1999). O estado se caracteriza como resultado do somatório de eventos positivos ou negativos em conjunto com as experiências vividas pelos indivíduos. As mudanças ambientais amplas e duradouras podem produzir mudanças substanciais e de longa duração no bem-estar subjetivo (DIENER, 1996).

O traço se refere ao bem-estar subjetivo proveniente das interpretações operacionalizadas racionalmente a partir das experiências. Os eventos em si não são bons nem maus. Ou seja, não possuem per si juízo de valor, é a elaboração cognitiva que permite os distinguir e classificar (DIENER ; SELIGMAN, 2002).

A transformação do conceito de felicidade em bem-estar subjetivo produz dois reducionismos segundo Márias (1987). O primeiro é no tempo, pois ao assumir que o sentido da felicidade é sentir-se bem, ela perde seu caráter de atividade, projeção. O segundo é que se tende a confundir a felicidade com as coisas que a fazem possível ou a facilitam. Para esse autor, o bem-estar então, é passível de ser tratado pela estatística e tem predominância do coletivo. Desta forma, ainda que reducionista apresenta-se para discussão e validade para pesquisas em sociedade, assumindo então o papel de felicidade possível.

Atualmente, com um crescente sentimento pós-materialista, há uma busca por melhor qualidade de vida em detrimento do crescimento material. Outra vantagem é o caráter democrático da felicidade, caráter que inclui todos os integrantes, não observando o crescimento de uma média geral e sim focando nos menores valores a exemplo da experiência no Butão. Ao mesmo tempo respeita o que as pessoas pensam sobre suas vidas (GRAZIANO, 2005). O aspecto materialista das sociedades entende que o progresso material se traduz em desenvolvimento social. Easterlin se pronunciou contra este argumento em 1974 e novamente em 1995, demonstrou como aumentos no nível de renda de uma população não resultaram em aumento significativo na felicidade.

A insistência no crescimento econômico como foco da vida social a despeito do que apresentam as pesquisas acadêmicas, pode ser entendida conforme aponta o *think tank*, finlandês Demos escrito por Alanen, (2010, p. 4): “Mesmo assim a política continua focada no aumento do nível de renda. Somos vítimas de uma síndrome coletiva de ‘só mais um pouco e então.... É uma visão que prevalece mesmo frente ao fato de que a relação entre felicidade e riqueza é uma ilusão do mundo moderno”.

Outra crítica, mais ampla, é apresentada por Michael Sandel, (2011) ao reconhecer a diferenciação entre os conceitos de respeito e uso. Considerando que respeito enseja valores cívicos fundamentais, e uso tudo aquilo que pode estar sujeito às

normas de mercado. Outra crítica, a de que a distribuição de renda levaria a um estado de felicidade não se provou correta, a insistência nesta via existiria por uma crença que o crescimento poderia levar a um desenvolvimento feliz. Corroboramos com as críticas apresentadas, primeiro não se distribuem os ganhos econômicos e mesmo que o fossem, estes não seriam suficientes para uma melhoria no nível de felicidade. Portanto, tratar a vida social através de uma modalidade de avaliação como a monetária ou a da aquisição de bens não seria adequado para falar de bem-estar ou felicidade.

Diferentes sistemas de indicadores foram criados para mensurar a felicidade e ou bem-estar subjetivo de um país ou do mundo. A mensuração do bem-estar subjetivo geralmente ocorre através do questionamento individual e costuma ser direta, “é feliz? Em que grau?” Também se utiliza mais de uma escala, de forma que se compreendam os três componentes constitutivos do BES (DIENER, 1984); a satisfação com a vida, afetos positivos e afetos negativos. Os instrumentos mais utilizados são o PANAS, Positive And Negative Affect Schedule (WATSON et al., 1988). Focada em aspectos afetivos, essa escala utiliza uma lista de palavras graduadas de um a cinco, variando em intensidade do menor para o maior. As palavras expressam sentimentos positivos e negativos.

Por sua vez a escala de felicidade subjetiva (LYUBOMIRSKY; LEPPER, 1999) considera a felicidade de uma maneira mais intrínseca. Esta escala apresenta quatro perguntas, variando de um a sete, considerando que um é o grau menos intenso e sete o mais.

A escala da satisfação com a vida (DIENER, 1985) compreende o bem-estar subjetivo como dotado dos componentes positivos e negativos somados à satisfação com a vida, e analisa esta última para mensuração por representar o bem-estar subjetivo como um todo. Alguns sistemas de indicadores adotam esse tipo de metodologia de auto avaliação subjetiva de bem-estar ou de felicidade. É o caso do Happy Planet Index (Índice Planeta Feliz) que foi criado em 2006 pelas organizações não governamentais, *New Economics Foundation* e *Friends of the Earth*. Índice que visa avaliar a capacidade de uma sociedade de transformar os recursos em anos de vida saudável e feliz. Para tanto utiliza a satisfação com a vida e a expectativa de vida considerando a pegada ecológica como divisor. Possui em sua formulação dos anos de vida saudável e feliz um componente subjetivo, considerando assim o aspecto intrínseco da felicidade. Também estabelece relação entre felicidade e recursos naturais. Utiliza a palavra felicidade, considerando o termo similar a satisfação com a vida.

Outras metodologias podem utilizar outras fontes de informação para a mensuração da felicidade, tal como o *Indice de bonheur mondial* (Índice de felicidade Mundial) de P. Leroy (2001). Esse índice publicado anualmente pela revista GLOBECO busca avaliar um conjunto de variáveis que determinam a felicidade coletiva. O índice é baseado em um conjunto diverso de indicadores divididos em 4 grandes áreas; paz e segurança; liberdade, democracia e direitos humanos; Padrão de vida; Pesquisa, treinamento, educação e cultura.

Este índice apresenta a felicidade como derivada de aspectos externos, sendo, portanto, extrínseco. Utiliza a expressão felicidade, no entanto não considera nenhum aspecto subjetivo e limita-se a questionar acerca dos condicionantes da felicidade.

Para esse estudo considera-se que a escala de felicidade subjetiva e a escala de satisfação com a vida são as que se aproximam de nosso entendimento, uma vez que a primeira é baseada em uma percepção mais intrínseca da felicidade. A segunda engloba outros aspectos mais gerais desta forma a complementar a primeira. Desta forma, os três componentes do BES foram apreendidos.

A partir desses conceitos, definições e medidas, este estudo se volta de modo específico para ambientes universitários, a partir de seu entorno físico considerando a prevalência de arranjo espacial construído ou natural.

Campus Universitário Arthur Virgílio Filho - UFAM

Atualmente a UFAM registra um número de vinte mil alunos distribuídos em 96 cursos de graduação e 6 *campi*. Aqui focamos nosso olhar para um campus específico, que se confunde com a própria universidade. A obra do campus pode ser descrita como gigantesca pela dimensão do espaço. Apesar da universidade ter sido criada em 1909 (a primeira instituição de ensino superior do Brasil), as obras foram iniciadas em 1973 e em 1986 os primeiros prédios foram sendo ocupados por alguns cursos. O terreno onde foi construído o campus AVF foi doação do governo do estado na década de 1970. Na época, esta região era o limite da cidade, então seguia o ideal do campus no modelo americano, um espaço isolado, idílico, longe da vida urbana (PINTO; BUFFA, 2009; COSTA, 2014). No entanto, esta configuração viria a mudar muito rapidamente nas décadas de 1980 com a expansão da Zona Franca de Manaus e seu distrito industrial. Pelo fato da localização do campus ser contíguo ao distrito industrial, a ocupação de áreas próximas passou a ser

um evento incontrolável pelo Estado. Aquela floresta inicial passou a ser um fragmento florestal urbano.

O Campus foi instalado num fragmento florestal de 6,7 milhões de quilômetros quadrados, o terceiro maior fragmento verde em área urbana do mundo e o primeiro do Brasil, no entanto a área construída corresponde a 35% do projeto original. Muito do entorno desse fragmento florestal foi sendo ocupado por moradores que instalaram os bairros mais adensados de Manaus. Para conter essa ocupação a área do campus passou a ser delimitada como parte de uma grande área de proteção ambiental (APA)⁸.

O Campus AVF/UFAM é uma ilha verde na adensada área leste da cidade e se divide em dois setores, o setor norte e o setor sul.⁹ Os dois setores são interligados por uma estrada asfaltada que percorre o relevo de platô, outro, e por este motivo apresenta certa sinuosidade (Figura 1). Essa configuração em camadas, a cidade, a floresta e o campus, que torna este local um exemplo distinto de espacialidade.



Figura 12 – Campus Arthur Virgílio Filho da Universidade Federal do Amazonas. Manaus/AM.

Fonte: Google Earth (2018)

⁸ APA UFAM, INPA, ULBRA, LAGOA DO JAPIIM, ELIZA MIRANDA e ACARIQUARA, criada pelo Decreto Municipal N.1503 de 27/03/2012. Esta Unidade de Conservação reúne 759,15 ha formados por diversos fragmentos florestais urbanos.

⁹ O setor norte comporta o Instituto de Ciências Exatas (ICE), Instituto de Computação (IComp), Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS), Faculdade de Direito (FD), Faculdade de Tecnologia (FT), Faculdade de Estudos Sociais (FES), Faculdade de Educação (FACED), Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Faculdade de Artes (FAARTES) e Faculdade de Letras (FLet). No setor sul estão a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA), Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF), Faculdade de Psicologia (FAPSI), Faculdade de Ciências Farmacêuticas, (FCF), e o Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

O acesso ao Campus AVF é feito por uma via de muito movimento de veículos, caminhões e ônibus a qual que interliga o Distrito Industrial e a Zona Leste da cidade. A maior parte dos estudantes usa como meio de transporte o ônibus, cujas linhas favorecem esse deslocamento.¹⁰ (Figura 2).

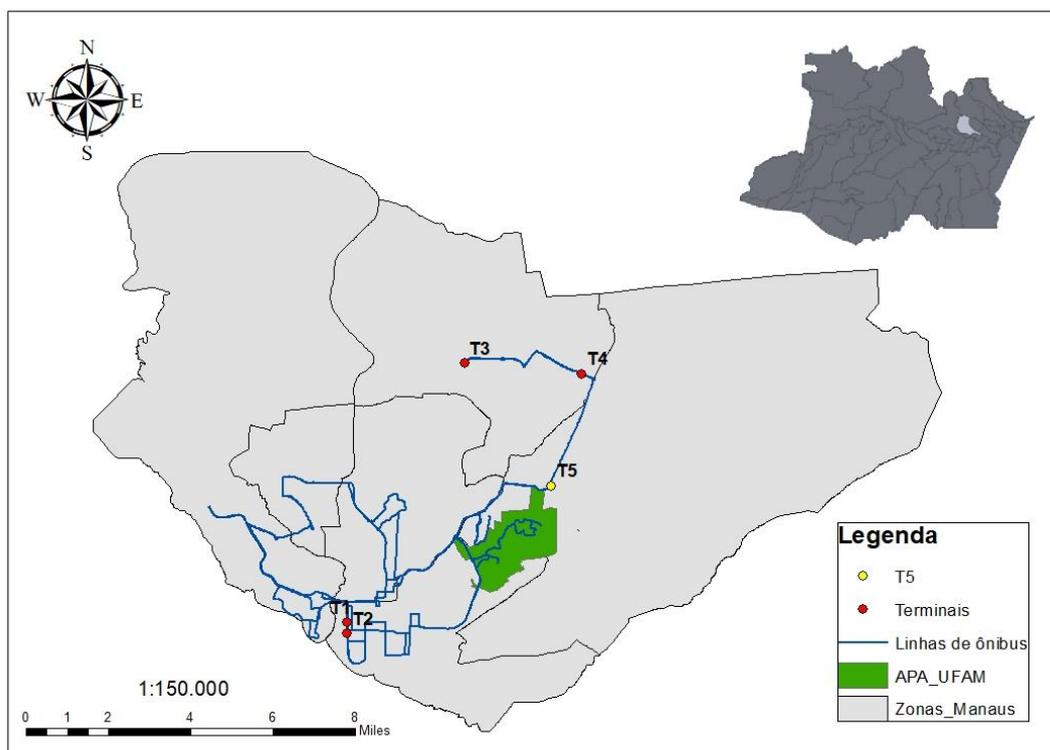


Figura 13 – Acesso ao Campus Arthur Virgílio Filho – UFAM através do modal rodoviário urbano.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os alunos dispõem de um sistema de bilhetagem eletrônica que permite a utilização de até dois trajetos no intervalo de duas horas ao preço de uma passagem. No entanto, estas conexões nem sempre são rápidas e exigem, em muitos casos, esperar em locais desprotegidos das intempéris do tempo amazônico (chuvas e sol ardente), e mais

¹⁰ Algumas linhas de ônibus ligam os setores e o Campus às outras regiões de Manaus. As linhas que possuem estação no Campus, são as de número 616, que liga o Campus ao Terminal de Integração Viária da Cachoeirinha (T2); a linha de número 125 que integra o Campus ao Centro da cidade, integrando-se ao Terminal de Integração 1 (T1). As linhas de número 352 e 002, não possuem estação no Campus e não disponibilizam a gratuidade, a primeira linha integra o Campus com os terminais 3 e 4 (T3 e T4) na Zona Norte da cidade e a segunda denominada Circular, percorre a Região Oeste. Além destas quatro linhas viárias, uma quinta, denominada Integração, percorre o Campus fazendo paradas no Campus Norte, Sul, e no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) a linha de Integração é totalmente gratuita.

recentemente estar à mercê de criminosos que assaltam os alunos em busca de dinheiro, celulares ou até computador.

Na pesquisa conduzida, observou-se que a maioria parte dos estudantes utiliza o modal de transporte coletivo urbano (57%), seguido do modal de carro (33%), as outras opções, a pé, de bicicleta, e de moto, apresentaram resultados abaixo de um por cento, por fim, a opção bimodal, em que o participante apresentava duas opções foi a terceira maior (6%), os participantes que escolheram bimodal, marcaram usar carro e ônibus, em resumo, considerando a localização do campus, as outras opções mostram-se inviáveis, exceto pela moto, que mesmo assim apresentou relevância muito baixa.

Por fim, a maior parte dos estudantes dessa pesquisa diz se deslocar diretamente de suas casas (82%) para o Campus. Estas informações servem como ponto de partida para análises sobre perfil dos estudantes universitários, no Brasil e especialmente na região amazônica.

Percepção dos universitários sobre a espacialidade do Campus AVF

Nesse espaço físico os estudantes estão inseridos para cursarem uma formação superior. Tal espacialidade, embora esteja inexoravelmente presente e visível, é percebida de forma distinta pelos alunos. Entender essa percepção pode auxiliar a entender como as estruturas espaciais estão organizando as socialidades que ali se desenrolam.

O estudo foi realizado com 402 estudantes universitários (M=251; H=151) com idade entre 18 e 44 anos, matriculados a partir do segundo semestre período letivo da graduação. Foram aplicados formulários aos estudantes de forma individual, a partir de uma amostragem aleatória, incluindo 250 alunos do campus norte e 152 alunos do campus sul (Tabela 1).

Tabela 10 – Distribuição dos participantes por faixa etária e gênero.

Faixa etária	Masculino	Feminino	Total
18 – 22	115	213	328
23 – 27	23	26	49
28 – 32	8	7	15
Acima de 32	5	5	10
TOTAL	151	251	402

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

A maior parte dos participantes é do gênero feminino (62%), o que reflete uma tendência que se repete em vários países (DELA COLETA, 2006; KIM; HA, 2015; INEP, 2015). A idade desses participantes é de 18 e a 40 anos, mas a grande maioria (81%) está na faixa de 18 a 22 anos de idade. Destes, 188 estão no segundo período (46%), 6% no terceiro, 4% no quarto, 0,49% no quinto, 18% no sexto, 12% no oitavo, 1% no nono, 3% no décimo e 0,24% no décimo segundo. Apesar dos cursos serem descritos como noturnos ou diurnos, entre os participantes desse estudo, 31% disse estudar majoritariamente no período diurno e 69% majoritariamente à noite. Vale ressaltar, no entanto esses turnos variam substancialmente dependendo da disciplina a ser cursada, de forma que estes participantes são usuários do campus tanto durante o dia quanto à noite. Ainda que formalmente os cursos se limitem a dois turnos no máximo, não é incomum encontrar estudantes com rotinas acadêmicas de 8 ou 12 horas diárias.

Os participantes do estudo são provenientes de diversas áreas do conhecimento, porém sendo as ciências sociais aplicadas como o maior contingente 37% e as ciências biológicas com o menor contingente, ou seja 1% (Tabela 2). Trinta e oito cursos foram representados nessa pesquisa, sendo estudantes de direito (55); ciências contábeis (50); física (30); psicologia (21); engenharia florestal (17); engenharia de produção (12); medicina, odontologia e enfermagem (12); linguística, letras e artes (17) e zootecnia (04).

Tabela 11 – Distribuição dos alunos por área de conhecimento.

Área do conhecimento	N	%
Ciências exatas e da terra	72	18
Ciências biológicas	5	1
Engenharias	42	10
Ciências da saúde	37	9
Ciências sociais aplicadas	148	37
Ciências humanas	23	6
Linguística, letras e artes	22	6
Ciências agrárias	53	13
TOTAL	402	100

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Um formulário com perguntas abertas e fechadas foi aplicada aos estudantes para verificar suas percepções a respeito da espacialidade do campus. Constaram questões sobre a adequação do campus para a formação universitária; a localização; o acesso; a adequação arquitetônica para formação no curso; a beleza arquitetônica; a arborização; o

cuidado paisagístico; o conforto físico nos ambientes externos e internos; a disponibilidade de lazer; espaços de contemplação; alívio do estresse; espaciosidade; segurança e poluição auditiva. As respostas foram dadas em graus de concordância, variando de um, discordo totalmente, até 10, concordo totalmente. Esses itens foram elaborados especialmente para esse estudo, tendo em vista o caráter exploratório da pesquisa (Tabela 3). A estatística descritiva apontou inicialmente as médias obtidas em cada uma das quinze questões.

Tabela 12 – Média obtida pelos aspectos da espacialização do campus.

Item	Média
O Campus tem uma arborização adequada.	8,58
No Campus tem espaço para todos transitarem sem confusão	7,84
O Campus é adequado para minha formação universitária	7,48
No campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza	7,47
O Campus tem um cuidado paisagístico/jardim	7,26
A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	6,70
Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim	6,20
Os ambientes do Campus proporcionam conforto físico para mim	6,13
A arquitetura dos prédios onde estudo é bonita.	6,09
No Campus não tem poluição auditiva	6,06
A característica do Campus me permite aliviar o estresse do dia-a-dia	5,98
O Campus oferece espaço para eu sair da rotina acadêmica e me divertir	5,59
O acesso ao Campus é fácil para mim.	5,65
No Campus eu me sinto seguro	5,04
A localização do Campus influenciou minha decisão de estudar aqui.	3,84

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Nenhuma das médias foi inferior a 3, os maiores valores foram obtidos pelos itens relacionados a arborização e espaciosidade. Com exceção de um item, todos receberam notas acima da média na escala, e 6 estão próximos a 7 ou acima deste valor, o que demonstra uma percepção de que o espaço do campus é considerado adequado e bom. Há diferentes percepções quanto ao espaço interno e externo, itens que exploram a imagem do campus fora dos corredores e salas, obtiveram as maiores pontuações, os itens representativos dos espaços interiores, obtiveram médias um pouco mais baixas. Outras percepções foram obtidas adentrando na escala através de estatística inferencial.

A escala foi analisada através de estatística descritiva e inferencial, a análise fatorial exploratória foi aplicada quando se confirmou que os itens eram passíveis de fatorabilidade. Empregou-se o índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), este índice aponta se a AFE é indicada para o conjunto de dados, variando de 0 a 1, valores abaixo de 0,50 são inadequados, entre 0,50 e 0,59, ruins, entre 0,60 e 0,69, medíocres, entre 0,70 e 0,79, medianos, entre 0,80 e 0,89, bons e de 0,90 a 1, excelentes (DAMÁSIO, 2012). O índice para esta pesquisa foi considerado bom, com 0,83. O teste de esfericidade de Bartlett verifica se há correlação suficiente entre as variáveis para proceder ao teste (HAIR et al., 2009). Com significância acima de 0,05 foi confirmada o uso da AFE para este estudo. Todos os dados foram trabalhados com auxílio dos softwares Excel e SPSS (*Social Package for Social Science*).

Com a estatística inferencial baseada na análise fatorial exploratória, emergiram três construtos (Tabela 4) e as cargas fatoriais (F1) subjacentes aos dados que denominamos respectivamente de, (1) espaço de *bem-estar*, (2) espaço *funcional seguro* e (3) espaço de *adequação estética*.

Tabela 13 – Estrutura fatorial da escala de espacialidade do campus.

Construto	Afirmações	F1
Espaço de Bem-estar	A característica do Campus me permite aliviar o estresse do dia-a-dia.	,635
	O Campus oferece espaço para eu sair da rotina acadêmica e me divertir.	,623
	Os ambientes do Campus proporcionam conforto físico para mim.	,613
	Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim.	,606
	No Campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza.	,533
Espaço Funcional Seguro	A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	,583
	O Campus é adequado para minha formação universitária.	,500
	No Campus eu me sinto seguro.	,451
	Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim.	,431
Espaço de adequação estética	No Campus tem espaço para todos transitarem sem confusão.	,407
	O Campus tem um cuidado paisagístico/jardim.	,646
	O Campus tem uma arborização adequada.	,546
	A arquitetura dos prédios onde estudo é bonita.	,456
	No Campus tem espaços que me levam a parar e contemplar a beleza	,432
A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço.	,400	

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

A análise dos componentes principais foi feita excluindo as variáveis com carga fatorial inferior a 0,30, desta feita, a variável acesso, na afirmação “A localização do campus influenciou minha decisão de estudar aqui” foi excluída. Alguns itens se repetem

nos construtos, com cargas fatoriais diferentes, dado que cada construto é um conjunto em si de dados interacionados.

Bem-estar subjetivo dos estudantes do campus AVF

Foram aplicadas as escalas de satisfação com a vida (ESV), de felicidade subjetiva (EFS) e de afetos positivos e negativos (APN). Para verificar suas percepções a respeito de seu BES. As respostas foram dadas em graus de concordância variando de um, discordo totalmente, até 10, concordo totalmente. Esses itens foram adaptados especialmente para esse estudo, tendo em vista o caráter exploratório da pesquisa. As escalas foram testadas visando obter o valor do Alfa de Cronbach, medida que baseada na correlação entre os itens, mede a confiabilidade dos construtos, seu valor pode variar de 0 a 1, valores acima de .700 são considerados como tendo confiabilidade apropriada (HAIR *et al.*, 2009). Os valores são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 14 – Alfa de Cronbach, médias, escores e desvio padrão para escalas de BES.

Escala	Alfa de Cronbach	Escore (min-max)	Média	Desvio padrão
Escala de satisfação com a vida	,866	(5-50)	32,68	9,50
Escala de felicidade subjetiva	,811	(4-40)	27,72	7,41
Escala de afetos positivos	,828	(10-50)	31,99	7,64
Escala de afetos negativos	,871	(10-50)	23,48	9,17

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

A estatística descritiva apontou inicialmente as médias obtidas nas escalas. Para a escala de satisfação com a vida o resultado de 32,68 é considerado bom, da mesma forma para com a escala de felicidade subjetiva, com 27,72, ainda que haja diferença nos escores mínimo e máximo, e desvio padrão alto, há um bom nível de BES entre os estudantes avaliados. Um outro resultado é o de que com as médias aproximadas, comprova-se que as escalas medem o mesmo construto, o BES. A análise da correlação entre as escalas comprovou essa afirmação $r(401) = .571, p < 0,1$.

O próximo passo foi verificar a correlação entre os as variáveis sociodemográficas e as escalas de BES, esta análise é apresentada na tabela 6.

Tabela 15 – Correlações entre variáveis sociodemográficas e Escalas de BES e afetos.

		EFS_media	ESV_media	Afeto_pos_média	Afeto_negat_média
Idade	Correlação de Pearson	,118*	,079	,135**	-,115*
	Sig. (2-extremidades)	,018	,114	,007	,021
Turno	Correlação de Pearson	-,123*	-,215**	-,076	,127*
	Sig. (2-extremidades)	,013	,000	,130	,011
Acesso ao campus	Correlação de Pearson	-,126*	-,193**	-,019	,019
	Sig. (2-extremidades)	,012	,000	,710	,700
Procedência	Correlação de Pearson	,146**	,137**	-,045	-,024
	Sig. (2-extremidades)	,003	,006	,363	,638

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Foram excluídas todas as variáveis que não apresentaram correlação significativa com as escalas, desta forma, gênero, curso e período foram descartadas. Há uma correlação positiva entre a procedência dos estudantes, ou seja, se vem de casa ou trabalho para a universidade, com as escalas EFS e ESV. A média de BES para estudantes que procedem de casa é 32,12 e 25,43; do trabalho é 35,13 e 26,29, e quem tem jornada mista apresentou média de 39,5 e 29,5 respectivamente. Parece haver um sentido de acesso ao mercado de trabalho nas médias mais elevadas para quem trabalha e trabalho somado a horários mais flexíveis.

Há correlação entre idade e afeto positivo, na mesma medida que aumenta a idade também cresce a média de afetos positivos. A correlação entre ESV e turno é negativa. Quando aprofundada a análise foi verificado que esta relação não se baseia no turno de estudo, a média de ESV para os turnos matutino, vespertino e noturno foi de 33,92, de 35,69 e 34,5 respectivamente num índice esperado de 50 pontos. Quando consideramos a quantidade de turnos de estudo, a relação se apresenta de forma mais clara, isto é, estudantes que frequentam o campus um turno apenas tem média de 34,70, dois turnos têm média de 31,31 e três turnos de 25 pontos em média. Desta forma, a correlação é inversamente proporcional entre o nível de satisfação com a vida e a quantidade de horas passadas no campus.

Verificada as correlações entre BES e variáveis sociodemográficas, em seguida foi realizada a análise da correlação entre BES e espacialidade.

Bem-estar subjetivo e espacialidade do Campus

Os componentes do BES e a espacialidade foram analisados em suas correlações, assim buscamos responder como o BES se relaciona com os elementos arquitetônicos e paisagísticos do Campus os resultados podem ser vistos na Tabela 7.

Tabela 15 – Correlações entre fatores de espacialidade e BES.

		Bem-estar_fator	Funcionalidade_fator	Estetica_fator
EFS	Pearson Correlation	,233**	,215**	,160**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001
ESV	Pearson Correlation	,225**	,227**	,216**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000
Afeto_pos	Pearson Correlation	,269**	,274**	,214**
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000
Afeto_negat	Pearson Correlation	-,148**	-,168**	-,081
	Sig. (2-tailed)	,003	,001	,106

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

Os componentes do BES apresentaram correlação positiva com os três fatores de espacialidade, com maior destaque para o fator bem-estar o que demonstra a coerência na definição deste construto. A correlação apresentada pelos afetos negativos confirma a lógica interna desta análise. A exceção é o fator estética que não se correlacionou com os afetos negativos. Este fator apresenta caráter complementar nas diversas escalas.

Com a confirmação da validade e coerência interna das escalas, foi formulado o construto felicidade, e este, quando analisado em conjunto com os itens expandidos dos fatores de espacialidade apresenta o seguinte resultado.

Tabela 7 – Correlações entre espacialidade e Bem-estar subjetivo.

Itens da escala de espacialidade		Bem-estar subjetivo
A característica do Campus me permite aliviar o estresse do dia-a-dia	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,277** ,000
A arquitetura dos prédios onde estudo é adequada para o curso que eu faço	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,240** ,000
Os ambientes do Campus proporcionam conforto físico para mim	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,233** ,000
No Campus tem espaço para todos transitarem sem confusão	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,230** ,000
Os ambientes internos do Campus são confortáveis para mim	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,208** ,000
O Campus universitário onde estudo é adequado para minha formação universitária	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,187** ,000
O Campus oferece espaço para eu sair da rotina acadêmica e me divertir	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,166** ,001
O Campus tem um cuidado paisagístico/Jardim	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,136** ,007
A arquitetura dos prédios onde estudo é bonita	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,129** ,009
No Campus tem espaços que me levam a parar e apreciar a beleza	Correlação de Pearson Sig. (2-extremidades)	,129** ,010

Fonte: Trabalho de Campo. Organizado pelo autor neste trabalho.

O item mais relevante é o alívio de estresse, considerando a responsabilidade da função acadêmica, demonstra que há um restauro psicológico para os estudantes. O segundo item é a adequação arquitetônica para com a atividade acadêmica significando

que o espaço quando propiciador das atividades ali previstas fomenta um maior nível de bem-estar. O conforto físico e a espacialidade são os próximos itens, a diminuição das pressões ambientais interage positivamente com a felicidade, por fim, o componente estético e lazer surge como últimos itens na lista, ainda que relevantes. Este resultado leva a crer que o que incrementa o BES dos estudantes é a realização final da função universitária, o desenvolvimento acadêmico. Os fatores aqui apresentados apenas atenuam o estresse acadêmico, permitindo a realização das atividades. O BES então assume valor intrínseco, é o estudante que permite sua livre fruição. O espaço o incrementa. Observou-se, por fim que as escalas aqui utilizadas demonstraram ser confiáveis, tanto as já utilizadas mundialmente, quanto a de espacialidade, criada especificamente para este estudo. Esta escala poderá ser adaptada considerando seus construtos teóricos subjacentes.

Considerações Finais

Constatou-se que o bem-estar subjetivo está relativamente associado com os elementos arquitetônicos e paisagísticos do Campus Arthur Virgílio Filho. Considerando que a fruição acadêmica é o principal elemento de incremento no BES dos estudantes, o Campus atua de forma complementar nessa função, e, portanto, pode tanto atenuar as pressões ou aumentá-las para que o estudante consiga atingir seu objetivo. No caso desse estudo, os estudantes que frequentam o Campus AVF, comprovam que tais elementos arquitetônicos diminuem a pressão inerente à trajetória acadêmica.

Entretanto, a presença de elementos naturais no Campus universitário, transformados ou não, não teve grande impacto nos níveis percebidos de BES. Tal situação corrobora com o fato de que o campus AVF se localiza na Amazônia, onde a natureza é proeminente, de modo que esta se torna em muitos aspectos um obstáculo para a ampliação do desejo cidadão (HIGUCHI, et al., 2012). A pressão oriunda pelo tempo passado no Campus, também se apresentou como elemento negativo ao nível de bem-estar.

Conclui-se, partir desse estudo, que as universidades devem garantir sua função básicas assegurando eficiência na formação acadêmica, pois tais elementos são cruciais para diminuição do estresse. No entanto, os demais aspectos ambientais dão suporte a essa atividade fim, otimizando o bem-estar subjetivo dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi o de analisar o bem-estar subjetivo dos estudantes universitários considerando os elementos arquitetônicos e paisagísticos do Campus. Considera-se pela perspectiva teórica adotada, que ao analisar os estados subjetivos de usuários de um determinado lugar, é necessária uma análise do espaço físico onde o uso social é manifestado. Dessa forma, o estudo contemplou uma leitura psicossocial do Campus Arthur Virgílio Filho/UFAM e como os estudantes se inserem nele.

Inicialmente apresentou-se uma historicidade do local, principalmente para buscar compreender o planejamento do espaço para a atividade acadêmica, considerando aspectos socioculturais próprios da Amazônia. Constatou-se que apesar de uma proposta inovadora de arquitetura, o projeto do Campus AVF incluiu a participação de professores para adequação de uso, mas não inseriu o usuário final, o estudante. Nesse sentido o Campus se torna familiar àquele usuário frequente e assíduo, tornando-se confuso e desorientando o recém-chegado ou o visitante. Mesmo assim, a apropriação do usuário frequente toma rumos diferentes do projetado. Os estudantes reconfiguram os espaços projetados para funções diferenciadas daquela projetada. A irreverência de uso numa tentativa de transformar aquele espaço público mostra o interesse dos alunos em torna-lo mais viável às suas expectativas.

O Campus como lugar é transformado em territórios distintos, de acordo com os cursos e atividades extracurriculares. Um mesmo lugar pode se tornar território de diferentes usuários em diferentes momentos, transformando a ideia de uso exclusivo da academia. O Campus retrata, pois, uma democrática transformação onde inclui a sociedade na arena universitária, de modo a compor cenários de interação distintos. Tal interação, mesmo que gradativamente conquistada ainda parece longe de chegar a uma interação tranquila. Nem todos os locais parecem abertos ao externo, configurando setores distintos no Campus, isto é, aqueles integrados à sociedade (ciências humanas e agrárias, por exemplo) e aqueles distanciados para manutenção do *status quo* (direito e economia, por exemplo).

O Campus produz ainda paisagens diferenciadas onde a floresta parece adentrar nos prédios construídos. A proposta ecológica de manutenção do espaço natural dá ao Campus um *status* único de integração com a natureza. Tal integração, no entanto, nem

sempre é percebida como algo benéfico. Se por um lado a floresta traz uma sensação térmica agradável e fortalece a identidade amazônica, esta mesma floresta se torna um empecilho para a segurança dos estudantes nos turnos noturnos e em dias de pouco movimento.

O estudo mostra ainda que o espaço do Campus possui duas lógicas distintas que regem os espaços internos dessa instituição. A primeira, funcional, determina a proximidade ou separação dos espaços de acordo a sua finalidade, isto é, prédios agrupados em blocos de sala de aula, de laboratório, e de administração. A segunda lógica de organização dos espaços internos é social, de um espaço parcelado tanto macro como micro espacialmente. Os corredores e halls se transformam em espaços de socialização, mesmo que a função da formação profissional seja saliente e conformada com a missão universitária.

A manutenção do espaço construído para a função primária evidencia, no entanto, que o Campus não atende de forma perfeita as necessidades inerentes à formação profissional e a permanência confortável dos alunos. A falta de mobiliário adequado ou em condições de uso, acessos dificultados, luminosidade insuficiente nas salas de aula, desconforto ambiental e falta de orientação dos transeuntes se configuram como obstáculos de apropriação devida do lugar. Associado a essa característica do lugar, alguns aparatos disponíveis evidenciam a falta de cuidado daqueles que o utilizam, outros se tornam tão familiar que lembram uma sala familiar.

O bem-estar, elemento essencial para a familiarização das pessoas ao espaço, prescinde uma maior autonomia dos estudantes, no entanto, saber o limite desta autonomia é complexo, envolvendo aspectos como maturidade, organização dos espaços e regras sociais. O bem-estar se beneficiaria de uma discussão acerca dos usuários e o espaço onde as atividades ocorrem. A estética deve ser considerada para além da arquitetura e paisagismo. Por fim a funcionalidade que é observada como efetiva, mas desconsiderada quando os alunos pensam em eficiência e satisfação. Desconsiderar estes elementos influencia diretamente no rendimento acadêmico.

Compreendido o Campus em seus aspectos de objetividade física e uso social, prosseguiu-se a analisar como, subjetivamente, este era compreendido pelos estudantes. A primeira conclusão é a de que o Campus não é um espaço dicotômico, pois este, ainda que se questionado de maneira dual, não se apresentará desta forma, o mesmo espaço que isola um, agrega outros, que estranha à alguns, também satisfaz outros. Os adjetivos

encontrados apontam que o campus é mais fortemente definido em suas mazelas, mas contempla diversas benesses.

A segunda conclusão é acerca do aspecto multifacetado deste espaço, o Campus se apresenta como um fractal, onde as microunidades espaciais (sala de aula), seguem a mesma organização lógica do que as macros unidades espaciais (setores norte e sul). Isto é, seguem a mesma lógica arquitetônica onde o espaço é um grande rio e as salas de aula seriam os afluentes. No entanto, essa lógica foi sendo alterada com o passar do tempo, de modo que hoje o que se observa é a fragmentação do Campus em diversos lugares com significados os mais variados possíveis. É nessa atual fragmentação e polissemia espacial que os estudantes fazem o uso social ser tão diverso e distinto dentro do mesmo Campus.

Há no Campus AVF preferências expressas devido ao tempo de permanência ali e a conveniência no uso dos espaços que afetam de forma direta o bem-estar subjetivo dos estudantes. Com relação à temporalidade, um exemplo se dá nos diferentes turnos de aula, diurno e noturno, onde de dia explora-se os espaços do Campus com mais liberdade, e de noite prefere-se mais restritos com mais segurança. Ainda em relação ao tempo de estadia no Campus, nota-se que estudantes que permanecem no campus por mais tempo em suas atividades acadêmicas apresentam uma queda acentuada nos níveis de bem-estar subjetivo. Isso remete a possibilidade de que a carga horária de permanência no campus impacta nos níveis de bem-estar subjetivo dos estudantes universitários.

A conveniência do uso dos espaços no Campus está ligada à funcionalidade do lugar. Muitos dos lugares planejados para uma esperada atividade, como por exemplo, o restaurante, este acomoda atividades parasitárias de lazer, de socialização e comércio. Os corredores, que deveriam ser vias de passagem, são utilizados para nichos de comércio e de estudo. As salas de aula são ainda usadas como lugar de refúgio pessoal para dar um cochilo nos intervalos das atividades de docência. Essa flexibilização da espacialidade e sua socialidade corrobora com aspectos socioculturais próprias da região amazônica. A rigidez do espaço não é um critério saliente dos amazônidas, cuja uso social é constantemente ressignificado.

Considerando essa flexibilidade espacial dos elementos arquitetônicos, esta se mostrou como elemento importante na percepção do bem-estar subjetivo dos alunos. Note-se que a fruição acadêmica é o principal elemento de incremento no BES dos estudantes, a espacialidade do Campus atua de forma complementar nessa função, e, portanto, pode tanto atenuar as pressões ou aumentá-la para que o estudante consiga atingir seu objetivo. No caso desse estudo, os estudantes que frequentam o Campus AVF,

comprovam que tais elementos arquitetônicos diminuem a pressão inerente à trajetória acadêmica, portanto, a espacialidade é condição importante para a atividade social de formação profissional para os estudantes usuários do Campus.

Já a presença de elementos naturais no Campus Universitário, transformados ou não, não teve grande impacto nos níveis percebidos de BES. Tal situação corrobora com o fato de que o campus AVF se localiza na Amazônia, onde a natureza é proeminente e algo naturalizado na vida dos estudantes. Ressalta-se ainda que o estudo mostra que as variáveis sociodemográficas (renda, idade e gênero) pouco interferem na percepção de bem-estar subjetivo dos estudantes, corroborando, portanto que a espacialidade é em si mesma, fator de distinção nesse aspecto.

Considerando-se os níveis de satisfação com a vida como partes do constructo do bem-estar subjetivo, esse estudo demonstrou que os alunos apresentaram níveis de felicidade medianos, corroborando com resultados encontrados em outros estudos realizados com latino-americanos (ROJAS, 2012). Infere-se, nesse sentido, que a espacialidade não se destaca como fator preponderante no atingimento de níveis superiores de satisfação com a vida de modo geral. Outras variáveis podem estar concorrendo para esse critério, e, portanto, outros estudos poderiam ser realizados para esse entendimento e correlaciona-los com o ambiente universitário vivido.

Esse estudo sugere a necessidade de uma contínua avaliação do ambiente físico, de modo que aquela inicialmente projetada pode não mais atender as expectativas dos estudantes de gerações posteriores. A espacialidade contemporânea deve contemplar a contextualização histórica da sociedade e inserir tais elementos para suprir as necessidades de socialização de seus usuários, seja no campus ou fora dele. O espaço físico não existe sem o seu ocupante, o qual está engajado com outros aspectos da sociedade e ideologias vigentes. Mesmo que o Campus AVF seja um espaço de ressignificação social, seus usuários estão continuamente reproduzindo e transformando valores sociais estruturados pela sociedade em que estão engajados. Os valores sociais, por sua vez, encontram no espaço físico um aspecto complementar da realidade que fazem parte. Essa unicidade do espaço físico e social que forma e transforma quem nós somos.

REFERÊNCIAS

- ABDALLAH, S.; JEFREY, K.; WHEATLEY, H. **The happy planet index: 2012 report**. New Economics Foundation, London, 2012.
- ALANEN, O. et al. **The Politics of Happiness: a manifesto**. World Wide Fund for Nature, Finland, 2010.
- ALBUQUERQUE, D. DA S. **Campi universitários e espaços verdes: percepções ambientais no norte e sul do Brasil**. 139f. Dissertação de Mestrado – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.
- ALEM, Y.; COLMER, J. Consumption smoothing and the welfare cost of uncertainty. **Policy Working Paper Series**, n. 138, Centre for Climate Change Economics. 2015. Disponível em < <https://www.cccep.ac.uk/wp-content/uploads/2015/10/Working-Paper-118-Alem-and-Colmer-2015.pdf> > Acesso em: 20/01/2018.
- ALVES, S. Ambientes restauradores. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b. p 44-51.
- AMADO, G. **Abordagem ergonômica da situação do pedestre nas vias da Barra da Tijuca**. 124f. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica PUC-RIO, 2004.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus Editora, 1994.
- AZEVEDO, G. C. DE. **Representações sociais de florestas e mudanças climáticas por professores do Amazonas: uma contribuição para formação continuada**. 218f. Tese de doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2013.
- AZEVEDO, G. C. DE; FORSBERG, S.; HIGUCHI, M.I.G. A floresta e sociedade: ideias e práticas históricas. In: HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. (Orgs). **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: Uma proposta de educação ambiental**. Manaus: Edição dos autores, 2012. P. 311-330.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. de Antonio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado, 1984.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEYTÍA, P. The singularity of Latin American patterns of happiness. In: **Handbook of Happiness Research in Latin America**. Springer, Dordrecht, 2016. p. 17-29.

BELLO, K. Q.; GUERRA, V. M. Explicando o Bem-Estar de Estudantes Estrangeiros de Pós-Graduação no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 36, n. 1, p. 111-128, 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v36n1/1794-4724-apl-36-01-00111.pdf> > Acesso em: 15/03/18.

BERTRAM, C.; REHDANZ, K. The role of urban green space for human well-being. **Ecological Economics**, v. 120, p. 139-152, 2015. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0921800915004218> > Acesso em: 15/03/18.

BESSA, O. **Dificuldades encontradas no projeto das vias Públicas de pedestres, no Espaço Urbano da Cidade de Alfenas: Uma Análise Ergonômica 116f**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica- PUC-RIO, 2001.

BONNES, M., ; SECCHIAROLLI, G. **Environmental Psychology: A Psycho-social Introduction**. London: SAGE Publications Ltd. 1995.

BRASIL. **Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES.

Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf >. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRITO, F.; SOUZA, J. de. Expansão urbana nas grandes metrópoles o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 48-63, 2005. Disponível: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400003&script=sci_arttext >. Acesso em: 23/06/18.

BROWN, Z. S.; OUESLATI, W.; SILVA, J. Exploring the effect of urban structure on individual well-being. **OECD Environment Working Papers**, n. 95, Organisation de coopération et de développement économiques. 2015. Disponível: < https://www.oecd-ilibrary.org/environment/exploring-the-effect-of-urban-structure-on-individual-well-being_5jrp6wqwq5k-en >. Acesso em: 17/07/17.

BUFFA, E; PINTO, G. **Arquitetura e educação: Campus universitários brasileiros**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CANO, D.S; SAMPAIO I.T.A. O método de observação na psicologia: Considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, v.11, p. 199-210, 2007.

CAVALCANTE, S; MOURÃO, A.R.T. Identidade de lugar. In: Sylvia Cavalcante, Gleice A. Elali (Org) **Temas Básicos de Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 208-216.

COSTA, L. S.M. da; ALVES PEREIRA, C.A. Bem-estar subjetivo: aspectos conceituais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 59, n. 1, p. 72 - 80, 2007.

- CSIKSZENT, M. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- COLETA, J.A.; COLETA, M; LOPES, J.E. Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas, em grupos de estudantes universitários. **Psico USF**, v.17, n. 1, p. 129-139, 2012.
- CORBUSIER, L. **Towards a new architecture**. Nova Iorque: Courier Corporation, 1985.
- DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Avaliação psicológica**, v. 11, n. 2, p. 213-228, 2012.
- DE BOTTON, A. **The architecture of Happiness**. Penguin books, 2014.
- DELABRIDA, Z. N.C. **O cuidado consigo e o cuidado com o ambiente físico: Estudos sobre o uso do banheiro público**. Dissertação de Mestrado. 125f. Brasília: Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. 2010
- DEL RIO, V. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da Percepção Ambiental**. Tese de doutorado. 548f. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1991.
- DESA, U. N. United Nations, Department of Economic and Social Affairs. **Population Division: World Urbanization Prospects, the 2014 Revision: Highlights**. 2014. Disponível em: < <https://esa.un.org/unpd/wup/publications/files/wup2014-report.pdf> > acessado em 15/01/2017.
- DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological bulletin**, v. 95, n. 3, p. 542-575, 1984.
- DIENER, E.; EMMONS, R.; GRIFFIN, S. LARSEN, R. The satisfaction with life scale. **Journal of personality assessment**, v. 49, n. 1, p. 71-75, 1985.
- DIENER, E. Traits can be powerful, but are not enough: Lessons from subjective well-being. **Journal of research in personality**, v. 30, n. 3, p. 389-399, 1996.
- DIENER, E; SELIGMAN, M. Very happy people. **Psychological science**, v. 13, n. 1, p. 81-84, 2002.
- DIENER, E; OISHI, S; LUCAS, R. Subjective well-being. **Handbook of positive psychology**. Oxford: Oxford University Press, p. 63-73, 2002.
- EASTERLIN, R. Will raising the incomes of all increase the happiness of all?. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 27, n. 1, p. 35-47, 1995.
- ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 53 – 62.

FÁVERO, M. L. A.; LIMA, H. I. UFRJ: origens, construção e desenvolvimento. In: Morosini, M. (Org.). **A universidade no Brasil: concepções e modelos**. Brasília: INEP, 2006. P. 103-121.

FISCHER, G. **Psicologia Social do Ambiente**. Portugal: Instituto Piaget, s/d.

FIGUEIREDO, J. **Metodologia Ergonômica: uma ferramenta sistemática para projetos cromáticos de ambientes construídos: um estudo de caso em locais de trabalho de escritório**. Dissertação de Mestrado. 115f. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica- PUC-RIO, 2004.

FRIDGEN, J. Environmental psychology and tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 11, n. 1, p. 19-39, 1984.

GERHARDT, T; SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Plageder, 2009.

GIBSON, J. J. **La percepción del mundo visual**. Buenos Aires : Infinito, 1974.

GILLI, P; LE BLÉVEC, D; VERGER, J. **Les universités et la ville au Moyen Âge: cohabitation et tension**. Brill, 2007.

GÜNTHER, H; ELALI, G.; PINHEIRO, J. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações. In: PINHEIRO, J. de Q.; GUNTER, H. (Org.). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 369-396.

GRAZIANO, L. **A felicidade revisitada: Um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva**. Tese de Doutorado 126f. São Paulo: Universidade de São Paulo- USP, 2005.

HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HALL, E. T. **The hidden dimension**. Nova Iorque: Doubleday, 1966.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSO TEIXEIRA (INEP). **Censo da educação superior**. INEP, 2016. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

ITTELSON, W.H. Environmental perception and urban experience. **Environment and behavior**, v. 10, n. 2, p. 193-213, 1978.

KAPLAN, R. The role of nature in the context of the workplace. **Landscape and urban planning**, v. 26, n. 1-4, p. 193-201, 1993.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The experience of nature: A psychological perspective**. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

HA. M; KIM, J. A study of the environmental elements affecting campus images. **Journal of Asian Architecture and Building Engineering**, v14, n. 1, p. 1-8, 2015.

LYNCH, K. **The image of the city**. MIT press, 1960.

LARSEN, L. Plants in the workplace the effects of plant density on productivity, attitudes, and perceptions. **Environment and Behavior**, v. 30, n. 3, p. 261-281, 1998.

LE ROY, P. **L'indice de bonheur mondial**. 2006. Disponível em: <<http://www.globeco.fr/indice-bonheur-mondial>> acessado em 07/10/2016.

LEPPER, H; LYUBOMIRSKY, S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, n. 2, p. 137-155, 1999.

MAHNKE, F. **Color, environment & human response**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1996.

MALKIN, J. **Hospital interior architecture creating healing environments for special patient populations**. New York: John Wiley & Sons. 1991.

EL MARGHANI, V. G. R.; MONTEIRO, F. C. F; TANURE, R. L. Z. Avaliação do mobiliário urbano com ênfase na acessibilidade. **Revista ação ergonômica**, v. 5, n. 1, p. 27 - 34, 2011.

MARÍAS, J. **La felicidad humana**. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

MORAES, A. **Ergodesign do ambiente construído e habitado**. Rio de Janeiro: iUser, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRA, R. G. **La ciudad percibida: una psicología ambiental de los barrios de A Coruña**. Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións, 1997.

MOREIRA, D. Pesquisa em Administração: Origens, usos e variantes do método fenomenológico. **Revista de Administração e Inovação**, v. 1, n. 1, p. 5 - 19, 2004.

MOSER, G. A. Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1-2, p. 279-294, 2005.

NEVES, L. Conceitos à prova do tempo. **Revista FINESTRA**, São Paulo, Edição, n. 52, 2008.

OLIVEIRA, J. F. et al. Unb: da universidade idealizada à universidade modernizada. In: Morosini, M. (Org.). **A universidade no Brasil: concepções e modelos**. Brasília: INEP, 2006. P. 145-169.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REIS, T. C. **Contribuição da Ergonomia nos processos de projeção de locais de trabalho**. Dissertação de Mestrado. 95f. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica PUC-RIO, 2003.

RIBEIRO, L. G. **A inserção dos fundamentos da ergonomia e seus métodos e técnicas na elaboração do projeto do ambiente construído – um estudo de caso em aeroportos**. Dissertação de Mestrado. 98f. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica PUC-RIO, 2004.

ROJAS, M. **El estudio científico de la felicidad**. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

ROJAS, M. El Bienestar Subjetivo en América Latina. In M. Puchet, M. Rojas, R. Salazar, F. Valdés, & G. Valenti (Eds.), **América latina en los Albores del Siglo XXI: Política, Sociedad y Economía**. México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. 2012.

SANDEL, M. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.

SALOMÃO, B. Origens Históricas da Universidade Ocidental: das Corporações à Formação dos Intelectuais (séculos XIII e XIV). **Revista Tessituras**, v. 3, p. 2177-0441, 2011.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

SELIGMAN, M. **Felicidade autêntica: Os princípios da psicologia positiva**. Cascais: Editora Pergaminho SA, 2008.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 216, 2001.

SOARES, F. **O projeto de aquecedores solares de água na abordagem do ecodesign e da tecnologia apropriada**. Dissertação de Mestrado. 114f. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), 2000.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Pagina do capítulo

SOUSA, A. **A floresta na porta e na janela: percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Psicologia da UFAM. Manaus, AM, 2015.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

ULRICH, R. S. Biophilia, Biophobia and Natural Landscapes. In: **The Biophilia Hypothesis**. Washington: Island Press/ Shearwater Books, 1993. P. 74-137.

VEENHOVEN, R. The utility of happiness. **Social indicators research**, v. 20, n. 4, p. 333-354, 1988.

WATSON, D; CLARK, L A.; TELLEGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. **Journal of personality and social psychology**, v. 54, n. 6, p. 1063, 1988.

APÊNDICE A - Checklist do Campus

1. Infraestrutura:

<i>Item</i>	<i>Requisito de análise</i>	<i>Comentários</i>
Corredores	Espaço – organização – sinalização	
Mobiliário	Conforto – quantidade – estado	
Banheiro	quantidade – localização - higiene	
Biblioteca	Espaço e adequação	
Estacionamento	Acesso e mobilidade	
Restaurantes e lanchonetes	Tipo de alimentação e atendimento	
Sala de aula	Conforto tamanho e luminosidade – temperatura – mobiliário – barulho	
Saneamento	Coleta lixo – acondicionamento	
Jardim externo	Tipo	
Arborização	Tipo	
Plantas internas	Tipo	
Decoração interna	Tipo	

2. Segurança

<i>Item</i>	<i>Requisito de análise</i>	<i>Comentário</i>
Iluminação externa	Quantidade – tipo	
Seguranças	Quantidade – tipo	
Controle de entrada	Tipo	
Acesso externo	Tipo	

3. Espaços de socialização

<i>Item</i>	<i>Requisito de análise</i>	<i>Comentário</i>
Lazer para grupos	Tipo	
Espaço cultural	Tipo	
Nichos de conversa	Tipo	

Agora você encontrará 5 afirmações que pode ou não concordar, usando uma escala de resposta que vai de 1 a 10 indique o quanto concorda ou discorda destas afirmações das perguntas marque um círculo de acordo com o nível que melhor descreve você.

3.5 As condições da minha vida são excelentes.

<i>Discordo</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	<i>Concordo</i>
	<input type="radio"/>										

3.6 Na maioria dos aspectos minha vida é próxima ao meu ideal.

<i>Discordo</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	<i>Concordo</i>
	<input type="radio"/>										

3.7 Dentro do possível tenho conseguido as coisas importantes que quero da vida.

<i>Discordo</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	<i>Concordo</i>
	<input type="radio"/>										

3.8 Estou satisfeito com minha vida.

<i>Discordo</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	<i>Concordo</i>
	<input type="radio"/>										

3.9 Se eu pudesse viver mais vez eu não mudaria quase nada minha vida.

<i>Discordo</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	<i>Concordo</i>
	<input type="radio"/>										

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra e marque o valor adequada no espaço posterior à palavra. Indique em que medida sentiu cada uma das emoções, considere o tempo que você tem nesta universidade:

1 – Nada ou muito ligeiramente 2. Um pouco 3. Moderadamente 4. Um pouco 5. Extremamente

Sentimento/Emoção	Valor	Sentimento/Emoção	Valor
Interessado		Irritado	
Perturbado		Orgulhoso	
Excitado		Encantado	
Atormentado		Entusiasmado	
Agradavelmente surpreendido		Determinado	
Culpado		Trêmulo	
Assustado		Ativo	
Caloroso		Com remorso	
Repulsa		Inspirado	
Amedrontado		Nervoso	

APÊNDICE C – Carta de anuência da UFAM



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Gabinete da Pró-Reitoria



CARTA DE ANUÊNCIA

Na qualidade de representante legal da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituição Federal do Ensino Superior, estabelecida na Av. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6.200, Coroado – Manaus – AM, eu, Profa. Dra. **Selma Suely Baçal de Oliveira**, Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, autorizo a realização da pesquisa intitulada: “Implicação do ambiente físico do campus universitário no bem-estar subjetivo dos estudantes” que será realizada na Universidade Federal do Amazonas, pelo discente **Rafael Moreira Ribeiro**.

O referido discente é orientado pela Dra. **Maria Inês Gasparetto Higuchi**, professora orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA/UFAM).

Manaus, 12 de setembro de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
SELMA SUELY BAÇAL DE OLIVEIRA
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Av. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6.200, Coroado, Campus Universitário, Bloco da Reitoria,
CEP: 69080-900 – Manaus/AM Telefones: (92) 2305-1496 e-mail: secretariapropesp@ufam.edu.br

APÊNDICE D - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

Prezado(a) participante:

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “**Implicações do Ambiente físico do campus universitário no bem-estar subjetivo dos estudantes**” sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Inês Gasparetto Higuchi e seu orientando de mestrado Rafael Moreira Ribeiro, aluno do Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade da UFAM. O objetivo da pesquisa é verificar a percepção dos estudantes sobre o ambiente físico do campus e seus impactos e bem-estar subjetivo dos mesmos.

Sua participação na pesquisa é voluntária não gerando nem despesas nem pagamentos em troca. Sua colaboração auxiliará na compreensão da relação entre o espaço do campus e seus impactos e contribuirá para a gestão universitária. As informações adquiridas serão utilizadas para estudos de pesquisa e divulgação científica relacionados à psicologia e a relação com espaços verdes urbanos.

Neste estudo você responderá um formulário com perguntas sobre a sua vivência no ambiente acadêmico, junto com alguns dados pessoais, para caracterização. Responder ao formulário leva em torno de 20 minutos. Esse tipo de pesquisa vai exigir de você a emissão de opinião sincera e a sua disponibilidade de tempo para responder as questões. As questões não apresentam teor de ameaça nem constrangimento de nenhuma ordem. No entanto, mesmo após a sua autorização, você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa independente do motivo e sem qualquer prejuízo a sua pessoa. Como toda pesquisa científica, o seu nome não será divulgado de modo a garantir o anonimato.

Os pesquisadores estão cientes dos riscos e danos imediatos ou posteriores, apesar de mínimos, que podem ser ocasionados e comprometem-se em agir segundo as exigências éticas concernentes a coleta, análise e publicação dos dados alcançados, conforme trata a Resolução 466/2012-CNS-MS.

Se você tiver qualquer dúvida ou quiser saber qualquer informação mais detalhada pode entrar em contato comigo no e-mail: morrafael@gmail.com ou pelo telefone 9 81705002, ou como o coordenador do mestrado Prof. Dr. Henrique Pereira: henrique.pereira.ufam@gmail.com ou ainda no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas cep@ufam.edu.br.

Atenciosamente,

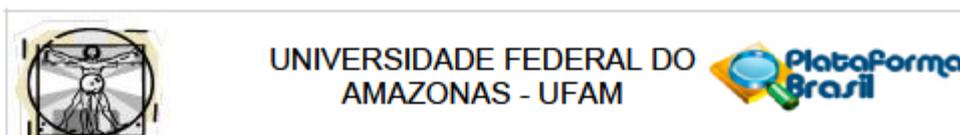
CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____ entendi o que a pesquisa “**IMPLICAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS ESTUDANTES**” vai fazer e aceito participar de livre e espontânea vontade. Afirmo que me foi entregue uma cópia desse documento.

Data ____/____/____

Assinatura do participante

ANEXO A – Comprovante de aprovação do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMPLICAÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DOS ESTUDANTES

Pesquisador: RAFAEL MOREIRA RIBEIRO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 79524617.2.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.414.234

Apresentação do Projeto:

Resumo: Esta pesquisa se propõe a analisar as relações entre o bem-estar subjetivo e o espaço arquitetônico e paisagístico dos campi universitários. Desta forma há a necessidade de inicialmente caracterizar o espaço do campus universitário, em seus usos formais e informais, reais e planejados, considerando os elementos objetivos e subjetivos existentes nestes espaços. Esta pesquisa baseia-se nos conceitos de bem-estar subjetivo (DIENER, 2002) e relação pessoa-ambiente. Em estudos anteriores compreendeu-se que as percepções de bem-estar derivadas dos espaços dos campus universitários, são diretamente relacionadas a existência de áreas verdes, de espaços planejados funcional e esteticamente e ambientes que propiciam a formação de relações humanas. (KIM e HA, 2015). As atividades humanas ocorrem nos mais diversificados ambientes físicos, de tal forma que esse domínio de acontecimentos sociais conjuga contatos e relações específicas com outras pessoas, com as coisas e com outros seres do lugar. O ambiente físico possui características que influem no modo como os indivíduos percebem e vivenciam os locais. Esta vivência é formatada através de caracteres objetivos e subjetivos. Associam-se para constituir a experiência do ambiente, aspectos socioculturais e características pessoais. O ambiente não é uma entidade independente, que existe "fora" em oposição ao "dentro". Ao contrário, é um campo dinâmico que só existe por meio das relações que estabelecemos com ele. Para Ingold (2000) a criação de um ambiente é a criação de própria pessoa. É nas relações que desvendamos as ações ali desempenhadas, as quais revelam no seu conjunto as posições e os movimentos do nosso

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

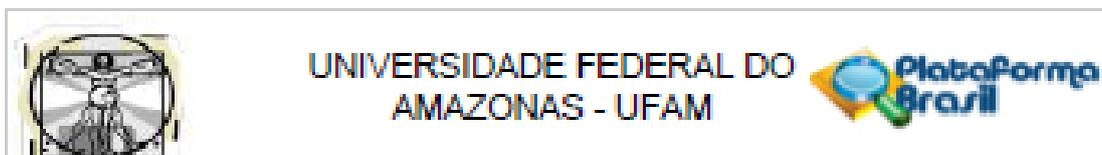
Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com

ANEXO A – Comprovante de aprovação do CEP – Continuação



Continuação do Parecer: 2-414.224

benefício é a preservação do espaço frequentado por sua renovada percepção. Aos participantes que solicitarem também será enviada cópia digital do versão final da dissertação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia Proposta: Iniciarei a pesquisa participando de disciplinas que permitam adquirir aporte teórico e metodológico em ciências ambientais, especificamente percepção ambiental. Em seguida realizarei revisão da literatura sobre a conformação das universidades, percepção ambiental e bem-estar subjetivo. As pesquisas de Kim e Ha (2015), Da Silva (2015) e Sousa (2015) são exemplos de pesquisas que serão consultadas. O trabalho terá uma abordagem quali-quantitativa, descritiva exploratória e multimétodos. Inicialmente será analisado o espaço de duas universidades, tanto de forma objetiva quanto em suas subjetividades. Será utilizado um checklist e concomitante será realizada a observação participante. Após esta etapa será aplicado em sala de aula um formulário com perguntas abertas e fechadas. Estarei atento aos procedimentos éticos, será solicitado aos participantes que leiam e assinem termo de consentimento livre e esclarecido, será mantido o sigilo do participante em todas as etapas. Também será solicitado das universidades participantes carta de anuência.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Instituição proponente: adequada
2. Critério de exclusão: adequado
3. Benefícios: adequados
4. Orçamento: adequado
5. Instrumentos: adequados
6. TCLE: adequada

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em razão do exposto, somos de parecer favorável que o projeto seja **APROVADO**, pois o pesquisador cumpriu as determinações da Res. 466/2012.

É o parecer.

Considerações Finais a critério do CEP:

Obrigatoriamente o pesquisador deverá no 1º parágrafo do TCLE incluir o seu endereço institucional completo com fone convencional e email, e o celular institucional, bem como da orientadora.

Endereço: Rua Teresina, 495	CEP: 69.087-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com